Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido
(Organizadores)

FRAGMENTOS DE UMA PANDEMIA

PUCPRESS

Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido
(Organizadores)
FRAGMENTOS DE
UMA PANDEMIA
PUCPRESS

Edição
Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte
Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto
Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão
Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico
Rafael Matta Carnasciali

Diagramação
PUCPRESS

Imagens de capa e miolo
Montagens a partir das imagens
AdobeStock_330928178
AdobeStock_333290929
AdobeStock_330531979

Produção de ebook
S2 Books

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat
Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Fragmentos de uma pandemia
F811 Fabiano Incerti, Douglas Borges Candido, (organizadores). – Curitiba:
2020 PUCPRESS, 2020.
88 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-87802-31-2

1. Infecções por coronavírus. 2. Epidemias. 3. Intelectuais – Entrevistas.
I. Incerti, Fabiano. II. Candido, Douglas Borges. III. Título.

20-064 CDD 20. ed. – 616.2414

SUMÁRIO

Educar

Esgotamentos

Être-ensemble?

Fé e espiritualidade

Mestres

Futurologia

Paradoxos

Universitas

PREFÁCIO

Organizado pelo Instituto Ciência e Fé e pela PUCPRESS, *Fragmentos de uma pandemia* resulta de uma curadoria de entrevistas realizadas com intelectuais nacionais e internacionais durante o primeiro semestre de 2020, em plena ascensão dos casos de coronavírus no Brasil. Sabíamos que seria uma fase difícil, contudo a imaginávamos rápida. Infelizmente, esse cenário se arrasta por meses fazendo inúmeras vítimas pelo mundo afora. Ainda não podendo falar de recuperação e ‘normalização’ do cenário epidemiológico, vários países enfrentam uma segunda onda de contágio da doença. O que salta aos olhos em meio a tudo isso é que o clichê – o novo normal – inevitavelmente implicará novos modos de ser; uma reinvenção da nossa relação conosco mesmos, com o outro e com o mundo.

Ainda que qualquer tentativa de antever o cenário pós-pandemia não passe de um exercício de futurologia, é urgente a revisão dos nossos hábitos de consumo, dos nossos modos de viver e de agir, do nosso cuidado com o planeta e com a manutenção de um ecossistema saudável, da nossa atenção para o problema da desigualdade social e distribuição de renda, entre outros pontos críticos. Trata-se, pela intensidade do que estamos vivenciando, de escolhas éticas, políticas e sociais decisivas.

Junto com os intelectuais entrevistados, mais do que a tentativa de “pre-ver” o futuro, nosso objetivo é o de diagnosticar, ainda que tateando, o presente. Nesse sentido, temos consciência de que nenhuma ação responsável e transformadora poderá ser realizada sem compreendermos os cenários complexos e delicados que já estamos enfrentando. E parece unânime entre

nossos convidados, com certa dose incômoda de realidade, de que se não ressignificarmos a visão ocidental de ‘progresso’, estamos colocando o nosso futuro em risco.

Entretanto, eles nos recordam que não se trata de perder a esperança, e sim darmos a ela a prerrogativa da desconfiança, seja para não cairmos ora num otimismo ingênuo ora num desespero injustificado. Mais do que nunca é necessária uma esperança vigilante e ativa, onde o pensar crítico e criativo torna-se uma potente ferramenta para combater o negacionismo, por um lado oriundo da falta de informação e, por outro, fruto do excesso dela, muitas vezes produzido pelas *fake news.*

Os desafios intensificam-se por todos os lados e em todos os campos. Talvez um dos mais prementes seja nossa relação com o tecnológico. Esta toca diretamente nossas vidas particulares, haja vista que vivemos a transição de uma realidade entremeada pelo virtual a uma existência virtualizada a partir da qual estudamos, trabalhamos, fazemos nossas compras sem sair de casa, participamos de reuniões, jogamos conversa fora, fofocamos e nos entretemos com os amigos pela *web*. Vemos surgir aos montes os “aperitivos Skype”.[01] Aí está um ajustamento do social dado pela base, pela necessidade empírica. É a força do acontecimento que enverga as teorizações.

Nenhum vírus é político, mas suas consequências o são. De repente países, estados, cidades, comunidades e pequenas vilas decretavam o fechamento de comércios não essenciais para evitar o alastramento do contágio. Cada território, maior ou menor, desenvolveu suas próprias estratégias biopolíticas tentando encontrar as saídas possíveis, confrontando muitas vezes a total falta de senso de realidade de seus líderes. Simultaneamente, profissionais de saúde se veem impotentes diante do aumento acelerado dos casos e da ausência de estrutura mínima para executar bem a sua atividade, tendo que escolher, em situações extremas, quem vive ou quem morre. Tais decisões, somadas a uma jornada exaustiva de trabalho, estão ocasionando um colapso

na saúde emocional desses profissionais. A negligência, tanto na esfera individual em não respeitar as medidas de isolamento e distanciamento sociais; como na dimensão coletiva e política, com os escândalos de desvios em meio à pandemia de verbas destinadas para a compra de aparelhos respiratórios, assume os contornos de uma necropolítica na atualidade.

Ou o que dizer dos educadores que de uma semana para outra tiveram que se reinventar para oferecer aos seus educandos, muitos desses sem as condições mínimas de acesso a um computador ou à internet, conteúdos e experiências significativas para que 2020 não se configure como um "ano perdido" do ponto de vista educacional? Sobram, aliás, relatos nas redes sociais e na imprensa de professoras e professores (ou mesmo de instituições de ensino) que, em diferentes partes do mundo, disponibilizaram de seus próprios recursos para fazer chegar material didático para os seus estudantes mais vulneráveis. Vale recordar também que muitos desses educadores e educadoras se desdobram para conseguir dar suas aulas com qualidade, enquanto cuidam de seus filhos e da casa.

Por fim, ainda que seja um tema pouco desenvolvido nas entrevistas, é importante uma palavra nossa sobre as mudanças climáticas e o aquecimento global. Recentemente ouviu-se falar da sensação – e que talvez muitos de nós tenhamos sentido – de diminuição da poluição do ar nas cidades. Paradoxalmente, a ONU Brasil divulgou relatórios de pesquisas científicas demonstrando que apesar do *lockdown* feito por várias megalópoles mundiais, a concentração global de CO2 por fatores antropogênicos bateu o recorde mesmo diante desse cenário.[02] Um detalhe, mas não menos importante, é notar que dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da agenda 2030, 9 deles tocam diretamente em questões sobre o cuidado com os ecossistemas e o meio ambiente.[03] Outros 6 estão diretamente relacionados com a redução das desigualdades e questões referentes ao universo do trabalho. Apenas um ODS fala do

desenvolvimento, inovação e infraestrutura da indústria. Muitos tomaram a pandemia como uma resposta da natureza contra nosso total descaso em relação ao meio ambiente; nós preferimos acreditar que independente desta ou de qualquer outra pandemia que venha a nos atingir no futuro, nossa sobrevivência neste planeta depende, antes de mais nada, da escolha de um modelo de existência mais simples e sustentável, que leve em conta a manutenção e o respeito a todos os seres vivos e seus respectivos habitats.

Por fim, dedicamos essa obra a todas as pessoas que perderam sua vida por conta da pandemia; que, enquanto essas linhas estão sendo escritas, somente no Brasil já superam, infelizmente, a marca oficial de 155.962 mortos. São seres humanos com histórias de vida e com sonhos interrompidos. Mas também dedicamos a todos os profissionais de diferentes áreas e que estão na linha de frente, para que as provocações abordadas em *Fragmentos de uma pandemia* possam ajudar a ressignificar a nossa existência na busca de um mundo melhor.

Curitiba, inverno de 2020.

Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido
Instituto Ciência e Fé PUCPR

SOBRE OS CONVIDADOS

Isabel Capeloa Gil
Reitora da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e presidente da Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC). Doutora em Estudos Alemães pela Universidade Católica Portuguesa.

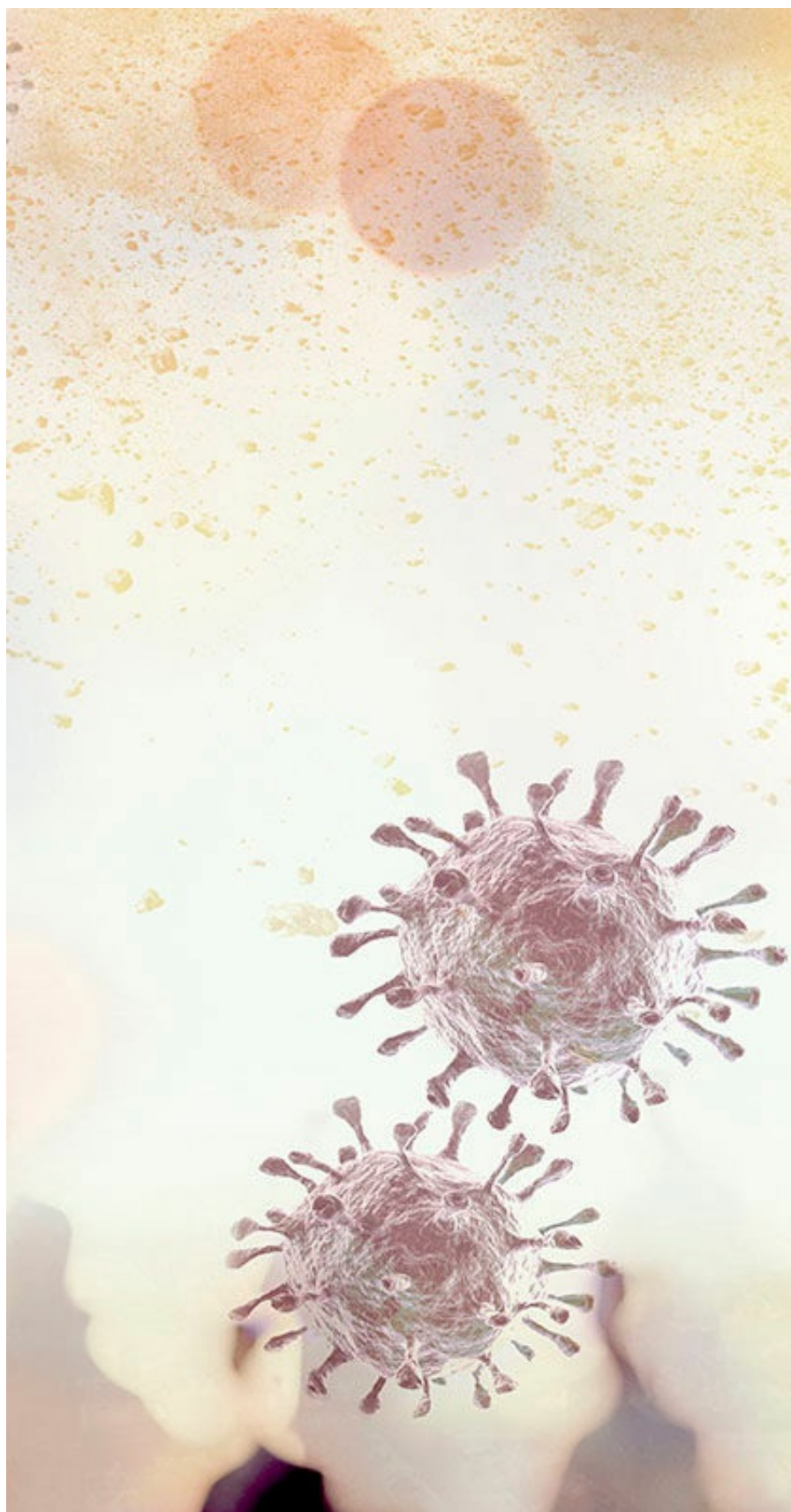
Ladislau Dowbor
Economista brasileiro, professor titular de economia da PUC-SP, autor de *A era do capital improdutivo*. Doutor em Ciências Econômicas pela Escola de Economia de Varsóvia.

Michel Maffesoli
Sociólogo francês, professor emérito da *Sorbonne Université* e membro do Instituto Universitária da França. Doutor em Sociologia pela *Université Grenoble*.

Regina Herzog
Psicóloga, professora da UFRJ e pesquisadora na área de teoria psicanalítica. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

Táki Cordás
Médico psiquiatra, professor de Medicina na USP e pesquisador na área de transtornos alimentares. Doutor em psiquiatria pela USP.

Tomáš Halík

Padre católico tcheco, professor de sociologia e filosofia da religião na *Charles University*, em Praga, na República Tcheca. Foi laureado, em 2014, com o *Templeton Prize*.

A UTILIDADE DO INÚTIL

E a tarefa da filosofia é mesmo a
de revelar aos homens a utilidade
do inútil ou, em outras palavras,
ensiná-los a distinguir entre os dois
sentidos da palavra 'útil'.

Pierre Hadot

Por Isabel Capeloa Gil

As Humanidades têm uma função que não é só de compreensão do mundo, mas também de resolução de problemas. Não existem como um resquício idealista de um mundo antigo, mas são estruturantes do desenho de sociedade que desejamos. A literatura, por exemplo, não constitui uma esfera marginal, produzida para o deleite dos indivíduos. A ficção, a poesia, refletem e instruem a organização do mundo. Se Platão, na *República*, expulsava o poeta da república modelo porque não só contava histórias não edificantes dos deuses, como apresentava o Hades como um mundo tenebroso que produzia pavor da morte nos guerreiros, isso ocorria dentro de um contexto civilizacional que colocava a "boa vida" num horizonte, que hoje consideraríamos autoritário. Esta República organizar-se-ia em torno de uma ética guerreira, centrada no bem da comunidade e não do indivíduo, regida por regras que não permitiriam dissenso, sem a possibilidade, se assim

quisermos, de pensar um universo diferente. Logo, a ficção é o que de mais libertário o ser humano tem por possibilitar o questionamento, a proposição do “e se não fosse assim?”. A transformação das sociedades ocidentais ocorreu num sentido que cumpre, de certa forma, o horizonte de liberdade cristão, de assunção da fidelidade à consciência individual em prol do bem comum, e sobretudo da defesa inabalável da liberdade, no respeito pelo outro. Liberdade de pensamento, de expressão, de assembleia, de crença, a liberdade de movimento; em resumo, a liberdade como direito humano fundamental. Essa lição é também a da literatura.

No contexto da pandemia, o cultivo das Humanidades é determinante para modelar uma sociedade que se eleva nos seus princípios usando a tecnologia e não que se submete a ela. Isto é, uma sociedade apoiada em tecnologia, mas não por ela determinada, como a sociedade tecnocrática de que fala o Papa Francisco. As Humanidades, afinal, permitem pensar que existe uma normalidade além do horizonte da desgraça e da pandemia. Paul Virilio falava da “ideologia da saúde-vigilância” como um instrumento da administração do medo. No contexto em que vivemos, é fundamental ancorar as propostas de reativação em modelos que ultrapassam a busca da vacina ou da cura da covid-19. Esta dimensão é instrumental, mas não o horizonte que orienta a sociedade na saída da “Grande Reclusão”. Para tal, é necessário o cultivo da esperança, da solidariedade, da responsabilidade ética, do respeito pela diferença e a consciência de que não somos uma massa de indivíduos, mas a parte vulnerável de uma forte humanidade comum.

Por Regina Herzog

Creio que neste momento, as Humanidades têm contribuído imensamente para se encarar este cenário de frente. Entendo como 'Humanidades' não somente as ciências sociais, mas todo saber que está voltado para a natureza. E entendo 'humano', tratado por estas Humanidades, como aquele que cria e habita a natureza. Achille Mbembe diz, se referindo a Édouard Glissant que, para este autor, o mundo em si, em sua *coisidade*, nada significa sem o conceito de humanidade.

O que se olha de frente, com a ajuda seja das ciências sociais, da medicina, da psicologia e de todos os saberes que têm se dado as mãos, são as fissuras que compõem este cenário de catástrofe, cenário no qual estamos inseridos, que habitamos, nós também, fragmentados. Para tanto, há que reconhecer essa condição humana, somos seres fragmentados e, portanto, vulneráveis. E a contribuição que nossa área tem como propósito, ou melhor, como intenção, não é a de aceitar, passivamente, esta condição. Tomo aqui as palavras de Judith Butler (2006) quando diz que "demandar reconhecimento ou oferecê-lo não significa pedir que se reconheça o que cada um já é. Significa invocar um devir, instigar uma transformação, exigir um futuro" (p. 72).[04]

Nestes termos, ao invés de enfrentar a pandemia trata-se de criar modos de viver a pandemia e com isso poder resistir e afirmar a nossa potência vital.

A VIDA COMO OBRA DE ARTE

O segredo é não correr atrás das
borboletas e sim cuidar do jardim
para que elas venham até você.

Mario Quintana.

Por Michel Maffesoli

É preciso fazer de sua vida uma obra de arte. Acentuar o qualitativo da experiência e não apenas se agarrar ao quantitativo e ao êxito material individual, que foram a marca do burguesismo moderno e cuja falência percebe-se contemporaneamente. Eu insisto em repetir, e jamais direi o bastante, que o imperativo categórico, ou seja, a “ambiência” que caracteriza a pós-modernidade, será a de um imperativo espiritual e altruísta.

Por Regina Herzog

Não acredito que possamos nos servir, como se estivesse à mão, dos velhos e bons costumes. Ler, escrever, pintar, dormir, divagar, cozinhar, meditar certamente estão ao nosso alcance, mas é preciso cuidar para não achar que se trata simplesmente de retomar do passado o que vai nos consolar

ou aliviar. A primeira atitude que vai permitir escolher o modo como vamos enfrentar este momento é a de vivenciá-lo em sua crueza, em sua desumanidade, na ruptura que provocou, deixando-nos desgovernados. Como se estivéssemos soltos no espaço, sem gravidade. Não temos como responder a este momento com as mesmas ferramentas que utilizamos outrora. Precisamos forjar outras... e aí, ler, escrever, divagar, sentir, respirar e outras tantas ações talvez devam ser tecidas com os mesmos fios, mas formando outras tramas. Insisto no termo outro(s)/outra(s)..., mas me sirvo deste termo para enfatizar que não significa necessariamente novo/nova... A potência de ser de outra forma está na possibilidade de experienciar em toda sua plenitude o que designei como ‘desumanidade’. Em vez de tomar antigas formas de existência a partir de uma estrutura sedimentada – no modo como se concebia o tempo, o outro e o corpo – vamos operar nas fissuras provocadas pelo desmantelamento de nosso mundo interno e externo.

ALTERNATIVAS

Aprender é mudar.

Buda

Por Tomáš Halík

O Papa Francisco é a mais alta autoridade moral do mundo, um presente maravilhoso da América Latina para toda a humanidade. Infelizmente, seu pedido de uma reforma radical da Igreja no espírito do Evangelho encontra resistência em certos grupos de católicos. No momento, o retro-catolicismo está ressurgindo, um catolicismo sem cristianismo, com muitos elementos mágicos.

O Papa Francisco precisa urgentemente do apoio dos teólogos para ajudá-lo a pensar cada vez mais sobre suas visões e intuições. Há muito tempo que me interesso por sua visão da Igreja. Especialmente quando ele se refere a ela como um “hospital de campo”. Penso, dou palestras e escrevo sobre o papel diagnóstico, terapêutico, preventivo e de reabilitação da Igreja no mundo doente. Estamos enfrentando não apenas uma pandemia de coronavírus, mas também outras infecções perigosas como os populismos, os nacionalismos e os fundamentalismos, em especial o religioso. Precisamos, cada vez mais, como nos mostra a espiritualidade jesuíta, cultivar a arte do discernimento espiritual.

Por Ladislau Dowbor

A pandemia literalmente desaba sobre o mundo quando já enfrentávamos uma situação crítica. É importante entender a convergência das crises que nos assolam. A primeira é a questão ambiental, que não é mais uma questão de opiniões ou convicções, mas de elementar acompanhamento dos dados. O aquecimento global está se manifestando em inúmeros fenômenos no planeta e os seus impactos se ampliam, no que tem sido chamado de catástrofe em câmera lenta. Temos a destruição das florestas, a perda de solo agrícola, a perda de biodiversidade (52% dos vertebrados entre 1970 e 2010), a inundação do plástico, a contaminação da água doce em todo o planeta, a liquidação da vida nos mares e assim por diante. Estamos literalmente destruindo o planeta, liquidando a base da nossa sobrevivência.

Um segundo eixo crítico, que interage fortemente com o primeiro, é a desigualdade. Atingimos o absurdo de 1% dos mais ricos terem mais riqueza acumulada do que os 99% seguintes. Temos 850 milhões de pessoas passando fome, quando produzimos, só de grãos, mais de um quilo por pessoa por dia. Boa parte dos desnutridos são crianças, estima-se 15 mil mortes ao dia, o equivalente a cinco torres de Nova Iorque. Em termos éticos, é um escândalo. Não foram os pobres que geraram um sistema que os espolia. E os bilionários do planeta não merecem suas fortunas, essencialmente resultantes de aplicações financeiras, não de atividades produtivas. Em termos políticos é explosivo, pois nenhuma democracia sobrevive com tanta desigualdade, como se constata nos retrocessos pelo mundo afora. E se trata de uma burrice em termos econômicos, pois esteriliza a capacidade produtiva de bilhões, que poderiam estar contribuindo para um desenvolvimento

dinâmico e sustentável, além de uma demanda mais equilibrada de bens e serviços.

Um terceiro nível crítico é que os recursos financeiros, necessários para parar a destruição do planeta e organizar a inclusão produtiva dos excluídos – os próximos 4 bilhões, escreve o Banco Mundial –, estão sendo empregados em especulação financeira, juros abusivos e gigantescos fluxos na zona cinzenta da legalidade, por meio dos paraísos fiscais e dos principais bancos do planeta, com o apoio de governos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e tantos outros. Os recursos em paraísos fiscais, equivalentes a cerca de 20 trilhões de dólares (*Economist*, *TJN*), um estoque de dinheiro equivalente a um quarto do PIB mundial, geram um caos planetário. As grandes fortunas resultam essencialmente das dinâmicas financeiras, por meio de evasão fiscal, corrupção e lavagem de dinheiro em geral. O sistema financeiro é mundial, enquanto os governos são nacionais, e ninguém regula os fluxos e a apropriação.

A pandemia surge, portanto, paralisando um sistema que já está profundamente em crise, gerando o que podemos chamar de convergência de tendências críticas, uma sobreposição de absurdos, o que nos obriga a repensar o sistema. Em termos de oportunidade, talvez o choque do coronavírus seja suficiente para impor uma mudança de rumos. É um ponto de interrogação. Nesta etapa, apenas podemos olhar com angústia o desenrolar de uma dinâmica cujas dimensões mal conhecemos.

UMA VELA ACESA NA ESCURIDÃO

A Ciência é antes um modo de pensar do que propriamente um conjunto de conhecimentos.

Carl Sagan

Por Ladislau Dowbor

Um eixo importante da discussão consiste em revermos em profundidade como concebemos e como ensinamos o que tem sido chamado de maneira pretenciosa de "ciência econômica", e que hoje tendemos a ver de maneira mais modesta como ator importante, mas coadjuvante, das ciências sociais, como apresentado inclusive por Thomas Piketty e muitos outros. O objetivo não é fazer funcionar a economia para que, indiretamente, resulte no bem-estar das pessoas e do planeta. É absolutamente surrealista grandes corporações poderem financiar e promover ações destrutivas para a natureza e para as pessoas – veja-se, por exemplo, a contaminação da água, poluição do ar, quimização dos alimentos, agiotagem financeira – e chamarem os desastres que geram de "externalidades". Ou seja, os lucros que asseguram são sim apropriados, mas os desastres são "externos", lamentáveis, mas seria o papel dos governos limpar a sujeira.

Temos de parar de nos limitar a debater qual a sociedade ideal do futuro, para enfrentar os desastres em construção. Na linha dos trabalhos de Amartya

Sen, em *A Ideia de Justiça*, temos de enfrentar as injustiças mais clamorosas e geradoras de sofrimento, como a fome. Temos de generalizar o acesso à saúde, à educação e a outras políticas sociais que, no Brasil, chamam de "gastos", quando o próprio *Financial Times* escreve, em editorial, que os serviços públicos "têm de ser vistos como investimentos". [05]

Uma iniciativa óbvia é assegurar uma renda básica universal para todos os adultos do planeta. Lembremos que temos os recursos: os 85 trilhões de dólares divididos pela população mundial mostram que o que produzimos de bens e serviços no mundo hoje representa cerca de 4 mil dólares por mês por família de quatro pessoas. O Brasil está praticamente na mesma média. Uma modesta redução das desigualdades assegurará os recursos necessários. Não é falta de recursos, é falta de justiça, de ética e até de bom senso econômico, inclusive porque o dinheiro repassado para a base da sociedade gera demanda, o que estimula as empresas, e ambas geram receitas para o Estado.

O sistema funciona, como se viu nos diversos momentos redistributivos, no *New Deal* de Roosevelt nos anos 1930, no pós-guerra na Europa e outros países sob forma de *Welfare State* (Estado de bem-estar), hoje na China e nos países nórdicos. E para quem se escandalizaria de as classes média e alta receberem dinheiro "de graça" sem realmente precisarem, uma solução simples é usar a declaração de impostos. Como as pessoas que não precisam de ajuda fazem anualmente declarações de imposto de renda, basta recuperar o montante no ano seguinte. Será considerado um empréstimo sem juros. O básico é o seguinte: sai muito mais barato tirar os pobres da miséria do que enfrentar os custos indiretos gerados. E, em termos humanos, é uma questão de simples justiça. Temos de priorizar sim a luta contra a pandemia, mas também começar a construir um amanhã que funcione.

Por Táki Cordás

O longo texto do Relatório do Desenvolvimento Humano,[06] de 2019, avaliando as desigualdades de diferentes países, deixa claro que as quatro dimensões do desenvolvimento humano, a saber: a economia (interação das desigualdades com os padrões de crescimento econômico), a sociedade (como as desigualdades afetam a coesão social), a esfera política (as desigualdades influenciam a participação política e o exercício do poder político) e a paz e segurança (como as desigualdades interagem com a violência) não podem ser avaliadas separadamente das políticas de saúde. Nesse sentido, é fácil entender que a saúde não é desvinculada de uma discussão sobre educação, urbanismo, política, sociologia e economia.

Não há ciência ayurvédica, chinesa, americana, pentecostal ou pós-moderna; a ciência não tem ética ou moral própria e seu uso é, infelizmente, muitas vezes arbitrário e ideológico. Adequadamente respeitada, não vejo nenhuma saída dessa situação sem passar por uma apropriada avaliação científica das formas de transmissão, epidemiologia, aspectos clínicos e terapêuticos. É hora de conseguirmos uma mudança de jogo contra as várias crenças perversas e contra o desprezo que parte da sociedade, por ignorância ou má-fé, tem em relação ao conhecimento científico.

Da cura do vírus à cura do câncer através de cultos desonestos; da classe média que não vacina seus filhos e coloca todos em perigo; as ciências precisam marcar seu papel.

Por fim, não acredito em um embate entre economia e ciência, mas, nesse momento, a ciência precisa estar à frente.

MUTAÇÕES

Ora, venham para cá. E parem
de pensar no que já passou. E
tenham também um pouco de
consideração por mim”.

Franz Kafka

Por Michel Maffesoli

A definição que dei de pós-modernidade foi a sinergia entre o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico. Para dizê-lo de modo mais simples: a relação que existe, relação fértil e prospectiva, entre as “tribos” e a Internet. E é exatamente isso que cabe salientar. Nas grandes megalópoles contemporâneas, como nessas tantas “selvas de pedra”, observamos, claramente, que a Internet promove, ainda que de forma virtual, o compartilhamento de um gosto, seja religioso, musical, esportivo, cultural ou mesmo sexual. Nesse sentido, podemos dizer que o atual confinamento consolida as tribos pós-modernas as quais, uma vez essa crise sanitária seja atenuada ou resolvida, essas “tribos”, seguramente, vão se desenvolver.

Por Táki Cordás

Que possamos aproveitar essa pandemia para repensar nossa vida em sociedade porque o que chamávamos “normal” não era normal. Acredito que essa situação deva provocar algumas mudanças políticas e quando digo políticas incluo mudanças nas políticas de saúde. Falando especificamente do Brasil, infelizmente, a maioria dos partidos políticos apresenta maior interesse na perpetuação do poder e manutenção de interesses privados próprios ou de terceiros, que desembocam na corrupção. Tais interesses levaram à exclusão no orçamento das necessidades básicas de saúde, educação, segurança e programas sociais. A Emenda Constitucional (EC) 95/2016, conhecida como a “emenda do fim do mundo” ou “PEC da morte”, aprovada no governo Temer, congelou os gastos com saúde por 20 anos e há pouco o governo realizou manobras para desvincular receitas para a área de saúde pública.

Segundo um estudo da Comissão de Orçamento e Financiamento (COFIN) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), o SUS já perdeu 20 bilhões de reais de 2016 para cá. Quatrocentos bilhões de reais é a estimativa de perda em duas décadas. O justo interesse despertado pela saúde pública, e estamos falando do SUS, inclusive por pessoas que consideram a saúde pública uma “coisa de pobre”, deve, após a pandemia, aumentar a pressão para uma melhora da gestão e dos recursos financeiros, assim espero.

Claro que fora do país há muitas tentativas de antever o que virá depois. Mas, entre o filme “Eu sou a Lenda”, onde um cientista é o único sobrevivente de uma epidemia e um cenário onde ainda teremos em alguns países uma segunda onda da doença e um isolamento que pode chegar a 1 ano ou mais, tudo é um exercício de futurologia.

Um breve exemplo: li há pouco tempo um reconhecido filósofo internacional dizer que o futuro será o de um grande sistema de saúde em

colaboração. O que estamos vendo é o contrário, isto é, a busca de culpabilizar pessoas e países pela doença.

Por Regina Herzog

Nos dias atuais estamos vivendo um momento ou melhor uma situação que certamente podemos nomear como sendo da ordem de uma catástrofe. Diante da pandemia, bem como da necessidade do isolamento social – o qual até agora se configura como a prescrição mais efetiva que temos para evitar um mal maior – o cenário não é nada promissor. E isto se aplica a todos os setores que compõem a sociedade: hoje vemos desmoronar tanto a economia mundial quanto a possibilidade de se manter o convívio social, estamos ameaçados de um aniquilamento sem precedentes, temendo um inimigo que não se sabe como age, de onde vem ou de quantas maneiras pode atacar. Enfim, poderia ficar aqui enumerando uma infinidade de motivos que dão ao cenário psicológico uma tonalidade bastante cinzenta. E não chego a dizer uma tonalidade fúnebre porque quero apostar no dia de amanhã, ou melhor, na capacidade produtiva do ser humano para criar modos de lidar com a situação. Alguns vão dizer que afinal não é a primeira e nem será a última vez que passamos por situações desta natureza. Guerras, pestes, epidemias fizeram parte de nossa história e conseguimos superar. É verdade, mas esta constatação não altera o fato, ou melhor, a brutalidade do fato, conforme frisou uma amiga psicanalista sobre este cataclisma. Contudo, se a nossa história pregressa nos serve de algo neste momento é de que, assim como nossos antepassados em outros tempos, nós hoje estamos vivenciando esta catástrofe ou, como se costuma dizer, estamos imersos no olho do furacão. E

diante disso o sentido que foi dado para as situações precedentes não explica nem justifica o sem sentido do que estamos experienciando.

Nesta medida, para descrever o cenário psicológico deste momento precisamos considerar, antes de tudo, que nada do que se diga pode funcionar como uma explicação do que cada um de nós está sentindo. Não existe teoria que dê conta do que cada um está vivendo e respeitar isso me parece ser o primeiro e o mais importante passo a ser dado quando nos propomos escutar nosso semelhante.

Apesar da singularidade do que cada um está vivenciando, talvez possamos partir de um dado comum a todos nós. Considerando a perspectiva psicanalítica sabemos que aqueles que buscam ajuda o fazem a partir de um modo como o sofrimento psíquico se expressa; e este modo, por sua vez, remete à forma como o sujeito estabelece vínculos afetivos e relacionais consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Mas temos um agravante que vai engrossar a fileira de dificuldades que esta questão comporta. Trata-se de circunscrever o que vem a ser sofrimento humano. Tomando a definição do termo sofrimento, vemos que abrange um amplo espectro – sofrimento é, segundo alguns dicionários, qualquer experiência aversiva (não necessariamente indesejada) acompanhada de uma emoção negativa que lhe corresponde. Geralmente o sofrimento é associado a dor, ao desprazer e/ou à infelicidade. Em psicanálise, comumente, observamos dois modos de remetimento ao sofrimento ligados, respectivamente a dois mitos organizadores: Édipo e Narciso. No primeiro, o sofrimento pode estar associado à culpa decorrente de um conflito entre os impulsos desejantes e sua renúncia – em nome do bem-estar social –, ou seja, entre o que se quer e o que se deve fazer. É assim que ele aparece nas ditas neuroses clássicas (histeria, neurose obsessiva, etc.), por exemplo. No segundo modo, o sofrimento pode se vincular a um sentimento de incerteza de si, referindo-se a problemáticas em torno do narcisismo. Hoje, diante da experiência da

catástrofe não sei se podemos explicar o sofrimento psíquico que acomete o sujeito a partir desta distinção de modo tão marcado. Nem mesmo sei se podemos chamar de sofrimento. Como se nomear, dar um nome a esta vivência, está sendo muito difícil. E isto na medida em que a brutalidade do fato rompe com princípios básicos da construção do que entendemos como a condição humana e de qualquer discurso a respeito dela. Falando mais claramente, esta ruptura provoca uma total perda de referências. Perda que se dá em vários planos de realidade: perda da referência do outro que é imprescindível para que o eu se constitua; perda da referência de um tempo em que isto se deu (nossa certeza de si) e permanece se dando em cada gesto nosso; e mais ainda, a partir do outro, perda da referência que posso ter de mim como um corpo: um corpo que possa chamar de meu. Corpo, outro, tempo... se perdem diante deste vírus invisível.

Diante disso fica difícil dizer quem ou que faixa etária é mais ou menos vulnerável. Do ponto de vista socioeconômico a resposta poderia ser um tanto mais objetiva: os menos favorecidos são certamente os mais vulneráveis. Mas não é disso que estamos falando. Em segundo lugar não sei se a pergunta de quem ou que faixa etária vai demorar mais ou menos para se recuperar de possíveis traumas é pertinente. Levando em conta a perspectiva psicológica, todos, diante desta catástrofe, estão sofrendo um trauma. Não se trata tão somente de uma ferida narcísica, como talvez alguns possam achar. Conforme frisei acima, é a própria condição humana que está sendo atingida. É no coletivo que fomos atingidos; e neste sentido todos fomos roubados. Parafraseando Achille Mbembe, fomos roubados de nossa humanidade. O modo como cada um vai enfrentar este trauma é singular, mas a sensação de um tempo congelado – no qual o passado foi implodido e a perspectiva de futuro desmantelada – tira o chão de todos nós. E neste contexto a necessidade de encontrar dentro de si razões e projetos para seguir adiante é

uma tarefa a ser empreendida, por cada um, porém paradoxalmente, conjuntamente.

Pode ser que entre os jovens vamos encontrar uma maior plasticidade para lidar com esta tarefa; todavia muitas vezes lhes faltam recursos. Talvez os mais velhos tenham os recursos, mas lhes falta flexibilidade para moldar outras alternativas de existência. Trata-se de uma tarefa que exige que se trabalhe nos interstícios, deslizando pelas frestas deste edifício implodido. Sem a expectativa de encontrar soluções, mas com esperança... se pudermos definir esperança como caminhar, perseverar caminhando.

CRISE

É difícil escapar à impressão de
que em geral as pessoas usam
medidas falsas, de que buscam
poder, sucesso e riqueza para si
mesmas e admiram aqueles que os
têm, subestimando os autênticos
valores da vida.

Sigmund Freud

Por Ladislau Dowbor

A dimensão crítica que assumiu a pandemia resulta sim de um desequilíbrio mais amplo que vimos acima. Desde as manifestações anteriores do corona, sob forma do MERS e do SARS, se sabia da probabilidade de uma pandemia, com amplos alertas da OMS[07] e com a criação de uma agência especializada em medidas preventivas pelo governo Obama, nos Estados Unidos (uma das primeiras agências a serem desmanteladas pelo governo Trump). Todo o processo que dominou o planeta durante 40 anos, de 1980 a 2020, foi chamado de neoliberalismo. Permitiu, com a globalização e descontrole geral sobre o sistema financeiro, a exacerbação, tanto do drama ambiental como da já explosiva desigualdade. O sistema financeiro tem como palco o planeta, enquanto o controle financeiro

é fragmentado em 193 bancos centrais, com governos que puxam cada um para o seu lado. A política é nacional, mas os recursos financeiros são internacionais; isto não funciona.

É essencial o fato de que, nas últimas décadas, o dinheiro, que consistia em papel-moeda impresso pelos governos, se transformou em sinais magnéticos, dinheiro imaterial constante apenas nos computadores, essencialmente emitido por bancos. A relação de forças mudou radicalmente, os governos perderam grande parte do seu poder regulador das economias, gerou-se a chamada financeirização. Apresento o detalhamento do funcionamento desta nova dinâmica no meu livro *A Era do Capital Improdutivo*,[08] no capítulo 12, disponível gratuitamente on-line, inclusive em formato de curtos vídeos.

Hoje, os malefícios da financeirização são amplamente conhecidos e estudados por economistas de linha de frente mundial, como Joseph Stiglitz, Michael Hudson, Thomas Piketty, Ann Pettifor, Marjorie Kelly, Ellen Brown e tantos outros. Formou-se já, no quadro das visões do *Roosevelt Institute*, da *New Economics Foundation*, do *Global Green New Deal* e de muitas instituições e redes de pesquisa no mundo, uma sólida visão de reorganização do planeta. Inclusive, no quadro da OCDE,[09] estão sendo estudadas formas incipientes de regulação global, no quadro do BEPS (*Base Erosion and Profit Shifting*). As pessoas em geral sequer sabem que gigantes como Amazon, Apple, Microsoft, Facebook e semelhantes praticamente não pagam impostos.

Os objetivos são claros: trata-se de assegurar que os nossos recursos voltem a ser úteis para a economia. É significativo lembrar que como justificativa do golpe no Brasil se disse que não havia dinheiro para as políticas sociais – lembrando outra vez que o *Bolsa Família* custa ridículos 30 bilhões de reais, menos de meio porcento do PIB – mas, com a crise atual, o governo encontrou 1,2 trilhão de reais, em particular destinados aos bancos,

para assegurar a chamada “liquidez”. Este recurso permitiria estender o *Bolsa Família* de hoje para 2 bilhões de pessoas.

Último ponto, para as pessoas entenderem o mecanismo de apropriação de recursos financeiros. Thomas Piketty ficou famoso no mundo porque demonstrou que aplicações financeiras rendem muito mais do que o investimento produtivo. E o dinheiro vai para onde rende mais. No Brasil, chamamos tudo de investimento, o que é tecnicamente errado. Se eu faço uma aplicação financeira em diversos papéis, posso até ganhar dinheiro, mas no país não vai aparecer nem uma casa construída a mais. Construir a casa exige trabalho. As aplicações financeiras no mundo rendem entre 7% e 9%, enquanto o PIB mundial, portanto, bens e serviços da economia real e que exigem trabalho, aumentam apenas 2% a 2,5% ao ano. O sistema financeiro deixou de ser um financiador de produção, fomentador da economia, para se tornar um intermediário que trava, o que tenho chamado de “pedágio financeiro”. Como ordem de grandeza, apenas 10% do sistema contribui para investimentos reais. Marjorie Kelly chama isso, apropriadamente, de “capitalismo extrativo”.

Por Michel Maffesoli

Eu considero, de fato, e me dediquei a mostrá-lo em meu livro *Le réenchantement du monde*, que, enquanto o “desencantamento do mundo” havia sido dominante ao longo de toda a modernidade, sob o efeito do racionalismo, como o mostrara Max Weber na *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, vemos nos dias atuais, ao contrário, um retorno inegável dos valores culturais. As tribos pós-modernas se constituem em torno da partilha, das trocas específicas de literatura, cinema ou mesmo filosofia. E poderíamos, obviamente, encontrar numerosos exemplos da mesma ordem.

Portanto, é interessante notar que a atual crise civilizacional é, acima de tudo, como já o indiquei, a crise de um materialismo míope, decorrente do que o marxismo desenvolveu, a saber, a prevalência da economia, uma “infraestrutura” determinando e dominando, aos poucos, a “superestrutura”. O que começou a tomar forma antes da atual crise, uma acentuação desses valores culturais e espirituais, vai se desenvolver mais tarde, sem dúvida nenhuma.

DISTANCIAMENTOS

A árvore não nega a sua sombra
nem mesmo ao lenhador.

Provérbio hindu

Por Tomáš Halík

Deixe-me citar meu sermão da Sexta-Feira Santa. No relato de dois de quatro evangelistas, a vida de Jesus neste mundo termina com um grito: “Deus, por que você me abandonou?” Como comentário a essa frase, também podemos entender a afirmação da confissão apostólica de fé: *Ele desceu ao inferno.* Primeiro, Ele desceu aos círculos do inferno criados pelas pessoas na Terra – frequentemente por aqueles que prometeram às pessoas o Céu na Terra. Ele desceu ao inferno da crueldade humana. No clamor de Jesus, ouço Sua solidariedade com o sofrimento de todas as vítimas de violência e injustiça de todas as idades, até o nosso tempo. Ali, também percebo a dor daqueles cuja fé e esperança estão sendo crucificadas no momento do sofrimento. Lá, ouço o lamento daqueles por quem um vírus minúsculo e invisível preparou sua morte dolorosa e solitária e a dor de seus entes queridos. Sim, Jesus desceu a um círculo ainda mais profundo do inferno, um inferno de separação de Deus, o silêncio de Deus na hora da privação.

O grande escritor católico Chesterton recomendou Cristo como o “Deus dos ateus”: se os ateus fossem escolher sua religião, deveriam escolher o

Cristianismo, porque *nele em um momento Deus parecia ser um ateu*. Sua fé foi “crucificada” e trespassada pela experiência da infinita distância de Deus. “Meu Deus, porque você me abandonou?”. Na primeira impressão, o choro de Jesus parece ser uma expressão de desespero. Jesus, no entanto, profere essa experiência suprema na forma de uma pergunta, “*Por que* você me abandonou?”. Ele não deixa de perguntar, *não interrompe o diálogo* com o Pai, mesmo neste momento, quando a agonia não pode mais, do ponto de vista humano, qualquer resposta. Se Jesus, embora se sinta totalmente abandonado por Deus, *ainda* está chamando sua *pergunta* para as trevas, esse momento da cruz (e a cruz de sua fé, se assim podemos dizer) revela algo essencial sobre o caráter de um *cristão* de fé verdadeiro (não “geralmente religioso”): a fé autêntica dos discípulos de Jesus tem o caráter de “e ainda”, “apesar”; é uma fé ferida, trespassada, mas *ainda fazendo perguntas* e buscando, crucificada e ressuscitada (portanto, verdadeiramente a Páscoa).

Por Michel Maffesoli

Atualmente, é difícil avaliar qual é o sentimento da população europeia no que concerne à pandemia do coronavírus. Por outro lado, podemos observar, graças às redes sociais em particular, que a escala de valores da modernidade, em si, não parece mais ser aceita por todo mundo. Cada vez mais vemos surgir valores *pré*-modernos, valores de base, nos quais foram concebidas as sociedades tradicionais, a saber: valores de troca, valores de partilha. Ou, ainda, podemos dizer, também, valores culturais ou valores espirituais que a modernidade e o espírito do tempo (burguês ou socialista) haviam, fortemente, menosprezado.

Por Isabel Capeloa Gil

Em Portugal, a ordem de confinamento foi dada em 13 de março de 2020 e logo depois entramos em estado de emergência. Na UCP (Universidade Católica Portuguesa), suspendemos as aulas presenciais no dia de 12 de março e no dia seguinte todos os seminários teóricos e teórico-práticos estavam funcionando em plataformas digitais. Tínhamos iniciado um projeto de transformação digital em 2016, designado Católica 4.0, que levou a uma revolução nos sistemas *core*, o que nos permitiu com facilidade aguentar as aulas virtuais de 15 Faculdades distintas e ciclos de estudos de licenciatura, mestrado e doutorado. A adesão da geração 2.0 (por parte dos professores) a estas mudanças preocupavam-me bastante, mas a criatividade e empenho com que todos abraçaram o desafio foi extraordinária. Tivemos exemplos notáveis de trabalho colaborativo e sensibilização para as alterações pedagógicas que a *flipped classroom* (ou "sala de aula invertida") representa, com professores da área das ciências da saúde, por exemplo, a servirem de *coach* a economistas, juristas ou politólogos. A experiência potenciou a saída das faculdades do seu conforto disciplinar.

A nossa hipótese era que a dificuldade de transformação cultural se situaria sobretudo na geração 2.0. Não foi, por isso, sem surpresa, que acompanhei a reação mais cautelosa da geração 4.0. Os estudantes expressaram ansiedade com a falta do contato face a face, alguns apelos desesperados por maior interação com o professor durante o confinamento e também receio pela adequação ao modelo de avaliação on-line. O isolamento foi aqui um fator crucial porque muitos estudantes vivem sozinhos. Desenvolvemos por isso vários programas de acompanhamento psicológico;

um deles intitulado "Psicologia em Confinamento", que diariamente apresenta boas práticas para combater a solidão imposta.

Os seres humanos não têm infraestruturas mentais que lhes permitam integrar o isolamento. Somos, como dizia Aristóteles, seres sociais e a sociabilidade faz parte da nossa autodefinição como seres funcionais. Apesar da intuitividade de plataformas como *Microsoft Teams* ou redes como a *Houseparty*, o toque entre pessoas não é alienável. A experiência da presença real não é substituível a longo prazo. Precisamos da energia e do afeto da proximidade. E esta é uma das valências fundamentais da experiência do campus, que a universidade oferece. Além das múltiplas possibilidades dessa experiência (cultural, pastoral, desportiva, social), há também uma aprendizagem osmótica que reside na intensidade da relação corporal de docentes e estudantes em presença. Não fomos feitos para o distanciamento social.

Por Táki Cordás

Em fevereiro de 2020, a prestigiosa *Revista The Lancet* publicou uma revisão por Samantha Brooks e colegas do *King's College*, em Londres. Foram avaliados 24 estudos sobre o impacto psicológico da quarentena. Estes estudos foram feitos em 10 países e incluíam epidemias anteriores como SARS, Ebola, H1N1 e outras de 2004 até hoje.

A maioria dos estudos relatou efeitos psicológicos negativos, incluindo sintomas de estresse pós-traumático (posteriormente), confusão e raiva. Os estressores incluíram maior duração da quarentena, medos de infecção, frustração, tédio, suprimentos inadequados, informações contraditórias por parte das autoridades responsáveis, perda financeira e estigma. Pacientes com

quadros psiquiátricos prévios tendem a ter uma piora de seu quadro quando submetidos a situações de estresse, piorando ou desencadeando quadros depressivos, ansiosos, transtorno obsessivo-compulsivo e outros. Não há, nesse sentido, até o momento, dados nacionais.

Por Regina Herzog

As pessoas estão sendo surpreendidas pelos mais diversos sentimentos em decorrência do distanciamento social – algumas, de fato, demonstram um sentimento de vazio; já outras de apaziguamento por não precisar entrar em contato com os semelhantes; outras ainda se sentem privilegiadas por poderem estar distante da possibilidade de contágio; outras culpadas por terem tal privilégio; e por aí vai. Aliás, podemos dizer que os sentimentos vão inclusive variando no tempo. Hoje de um jeito, amanhã de outro... Alguns passam de um se sentir bem consigo próprio a um torpor em relação ao seu estar no mundo; outros a uma necessidade urgente de ver e tocar o outro. Impossível generalizar. Costuma-se dizer que o ser humano é gregário por natureza, mas o fato é que viver em sociedade não é tudo o que o ser humano é. Solidário, muitas vezes, é verdade, mas também é solitário, egoísta, dirão alguns, em constante postura de defesa. E para referendar esta ideia temos a contribuição de Freud que, apoiado em sua experiência clínica, considera que para o homem que vive em sociedade é muito difícil conviver com o outro. Ele também afirma ser um princípio geral que, quase sempre, os conflitos de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência. Em um texto intitulado *Por que a guerra?* (1933),[10] que é uma resposta a Einstein, Freud diz estar certo de que o instinto agressivo que caracteriza o homem opera em todas as instâncias – em tempos precedentes, nas guerras civis

devido à intolerância religiosa e, em sua época (início do século XX), devido a fatores sociais, nas perseguições às minorias raciais, etc...

Com isso ele reconhece tratar-se de um problema eminentemente social. E podemos dizer que esta é a grande inovação da psicanálise – inovação que insere Freud como um pensador da cultura: a psicanálise não desvincula o sofrimento psíquico vivido pelo indivíduo do contexto em que ele tem lugar. Isto fica claro no próprio título de um artigo de 1908, *Moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna*: há uma relação direta entre uma e outra. E neste registro, faz todo o sentido quando diz não haver uma divisão rígida entre a psicologia individual e a psicologia social: o outro sempre intervém, seja como modelo, objeto, suporte ou adversário (1921).[11]

Em outro momento de sua obra, Freud vai distinguir três fontes geradoras de sofrimento que ameaçam o ser humano: “o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (1929/30, p. 105).[12] Com relação às duas primeiras fontes, temos que reconhecer, segundo ele, ser preciso se submeter ao inevitável. Contudo, este reconhecimento não é necessariamente paralisador, e me parece que aí ele se refere à possibilidade, diante disso, de empreendermos alguma atividade para mitigar o sofrimento. Quanto à fonte social do sofrimento, nossa atitude não é a mesma. Não conseguimos entender porque somos obrigados a nos submeter a desígnios alheios quando estes não atendem aos nossos desejos. Revisitando este trecho de sua obra, me pareceu que hoje estamos enfrentando as três fontes de sofrimento conjuntamente. A natureza do vírus incide em nossa fragilidade corporal e o outro a quem poderíamos nos associar ou mesmo recorrer opera, ao mesmo tempo, como uma ameaça a nossa integridade. Estamos todos juntos e separados.

Acrescente-se a isto que o fato do distanciamento está retirando do ser humano a famosa liberdade do ir e vir. Ir para o futuro, vir para o passado, transitar... é isso que incomoda: nem juntos, nem separados.

ESTILHAÇOS

À beira de um precipício só há
uma maneira de andar para
frente: é dar um passo atrás.

Michel de Montaigne

Por Táki Cordás

Fala-se, já entre os círculos de saúde de uma pandemia, de transtornos psiquiátricos durante e após a pandemia. Segundo a Organização Mundial da Saúde, as doenças psiquiátricas respondem por 5 das 10 maiores causas médicas de incapacidade humana, ou seja, dias perdidos de trabalho ou estudo ao longo da vida em função da doença. Essa é uma população extremamente vulnerável diante da situação. O período de quarentena é um fator de estresse importante e que pode agir como desencadeante ou agravante de quadros psiquiátricos pré-existentes, controlados ou não. Pacientes com história de depressão, transtorno bipolar, transtorno obsessivo-compulsivo com rituais de limpeza, transtornos ansiosos, esquizofrenia, transtornos alimentares e dependência de álcool e drogas devem e deverão receber o apoio familiar e a manutenção vigorosa do acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Os efeitos psicológicos e psiquiátricos sobre as equipes de saúde também são e serão devastadores – no Brasil certamente mais ainda do que em países desenvolvidos, em decorrência da ausência ou

inadequação dos equipamentos de proteção. A exaustão, o afastamento social dos colegas e da família (muitas vezes dormindo em hotéis para evitar o risco de contaminação desta), ansiedade, irritabilidade, insônia, redução da concentração e memória, indecisão na tomada de atitudes, deterioração do desempenho profissional, relutância em trabalhar ou pedir afastamento.

Esses profissionais apresentavam até 3 anos depois do término da quarentena um quadro diagnosticado como Estresse Pós-Traumático. Importante esclarecer que o Estresse Pós-Traumático é uma condição psiquiátrica caracterizada por lembranças persistentes, pesadelos ou sensação de que o evento traumático está acontecendo novamente (os chamados "*flashbacks*"); reações físicas como sudorese, náusea e tremores; perda de interesse pelas atividades habituais e quadros depressivos. Estamos muito preocupados com a saúde física de crianças, mas nos esquecemos que uma atenção especial deve e deverá ser dada após o término do isolamento social em função de transtornos psicológicos e psiquiátricos que vem sendo descritos. Entre idosos, há um aumento de eventos cardíacos como hipertensão, infarto, acidentes vasculares cerebrais e diabetes, bem como depressão, agitação, irritabilidade e descompensação de pacientes com quadros demenciais ou Alzheimer. A violência contra mulheres e crianças certamente aumentou nesse período e isso veremos em breve.

Aliás, não sei se tão brevemente, alguns estudos falam de uma segunda onda da doença. A história de que em breve sairemos do risco, segundo os estudiosos do assunto, desafia tudo o que se conhece sobre microbiologia.

UM PAPA DO FIM DO MUNDO

O Pop não poupa ninguém.

Engenheiros do Hawaii

Por Ladislau Dowbor

O chamado do papa resulta precisamente da convergência da crise ambiental, da desigualdade explosiva e do caos financeiro que vimos acima. A solução é óbvia: os recursos financeiros têm de ser redirecionados da especulação e fluxos ilegais ou paralegais, para servir justamente às mudanças da matriz energética, da matriz de transportes, e outras transformações para deixarmos de destruir a natureza. E têm de ser redirecionados para organizar a sobrevivência, redução de sofrimentos e a inclusão produtiva da imensa maioria de pessoas marginalizadas do planeta.

Sabemos perfeitamente o que deve ser feito, em particular com a Agenda 2030, os ODS,[13] aprovados pela quase totalidade dos governos e tecnicamente muito sólidos, devem ser a prioridade. O eixo fundamental é parar de buscar como podemos, nós, pessoas, sermos úteis para as corporações e inverter a visão: a economia é que deve nos servir. Ou seja, coloca-se no centro dos objetivos o bem-estar das populações, inclusive das gerações futuras, portanto, de maneira sustentável. Temos os recursos,

sabemos o que deve ser feito. O travamento é político e a política hoje pertence justamente a quem está aprofundando os problemas.

É muito significativo que aderiram à proposta do papa o próprio Joseph Stiglitz, mas também Vandana Shiva, Jeffrey Sachs, Kate Raworth, Muhammad Yunus e outras personagens de linha de frente. É igualmente significativo que a ideia já tinha força antes do surgimento do coronavírus. A reunião mundial prevista para março de 2020 foi adiada, mas a discussão se generalizou e continua. O resultado do chamado do papa foi a ampliação do debate. Na PUC-SP, sediamos uma discussão internacional, com 17 países, e uma rede de participantes no Brasil, com Joseph Stiglitz, o que abriu espaço para discussões em rede hoje muito ricas. No Brasil, a discussão pode ser acompanhada em www.ecofranbr.org e www.francescoeconomy.org.[14]

EDUCAR

Educar é acender uma chama e
não encher um recipiente.

Sócrates

Por Isabel Capeloa Gil

A pandemia faz-nos repensar a nossa posição no mundo, as nossas metas, ideais. Sentimos a nossa fragilidade e que somos cocriados pela interação com os outros. Olhamos diariamente para os noticiários e verificamos que talvez muito pouco tenha mudado no DNA cultural desde a tragédia grega, que tinha um efeito profilático notável. Escreveu Aristóteles, na Poética, que o efeito catártico da tragédia residia na expressão de medo e piedade (empatia) pela sorte dos que, sendo melhores do que nós, eram arrastados pelo erro para um destino catastrófico. Portanto, a tempestade mediática da covid-19 potencializa justamente este terror e piedade, abalando os pressupostos que nos orientavam numa vida pré-covid. Esta avalanche faz-nos sobretudo questionar a nossa capacidade de controlar o risco, seja ele biológico, social, ambiental e econômico. Se há algo que distingue antropologicamente as sociedades primitivas das sociedades complexas na reação ao risco, é a consciência crescente de que a narrativa do processo civilizacional de que somos herdeiros não nos permite controlar os riscos, sobretudo ambientais e biológicos, que nos rodeiam. A sofisticação da

ciência não ajudou o Cândido, de Voltaire, quando se encontrava no Tejo, no meio do maremoto que destruiu Lisboa em 1755, e tão pouco nos permite olhar com certezas para a cura da covid-19. A consciência desta realidade está particularmente presente no pensamento do Papa Francisco ao recordar-nos, na benção Urbi et Orbi, que apesar de pensarmos ser donos do mundo, apenas o habitamos.

A educação permite-nos lidar com a antecipação do desastre e promover resiliência social, ética, emocional, cultural, econômica e científica. Permite-nos entender o problema, o seu contexto e encontrar soluções, como acontece com a extraordinária comunidade científica internacional que trabalha contra o tempo na busca de uma vacina. Mas a educação, sobretudo nas universidades, não se resume à base material da resolução de problemas. Este é efetivamente um dos perigos do momento presente; a ciência não pode liderar a organização da sociedade sem um apoio de ordem moral e cultural. Se o momento de crise que vivemos assinalou o regresso do cientista, que estava a ser posto em causa pelas agendas políticas populistas, o certo é que a sua função não é a de gerir a sociedade separado do filósofo e do eticista, por exemplo.

A universidade, e sobretudo as universidades católicas que, por missão, estão comprometidas com a negociação integrada da diversidade do conhecimento universal, têm de, neste momento, mostrar a sua capacidade de liderar pela agregação de diferentes saberes e valências. Nesses dias participei de uma conversa global sobre o mundo pós-covid com líderes políticos e empresários dos EUA, Japão e África, e as preocupações ultrapassam em muito o domínio da solução sanitária. A covid-19 é, na verdade, a última e mais violenta crise, que de forma radical mostra o que anteriores crises (epidêmicas como a SARS ou MERS, ou mesmo econômicas) já enunciavam: a radical desigualdade global, evidente na diferença de acesso a cuidados médicos; a diferença econômica entre os

trabalhadores do conhecimento, que continuam a laborar em modelo de teletrabalho; e os trabalhadores manuais não especializados, mais frágeis ao lay-off, desemprego ou então sem possibilidade de se protegerem; a diferença nas soluções que os Estados adotarão para o relançar das economias; a diferença da qualidade e no acesso à educação entre os que podem ter ensino on-line e os que não possuem computador. Face a tudo isto, a vacina é um instrumento para reforçar a confiança, mas não resolve a explosão do nosso modelo civilizacional em curso. O que definirá o nosso futuro será a capacidade de o refazer a partir da sociabilidade, da empatia e da confiança. A economia está depois da solução para o indivíduo e não antes. O papel da Universidade e da Educação é justamente o de mostrar com clareza esta prioridade.

ESGOTAMENTOS

Produz uma imensa tristeza constatar
que a natureza fala enquanto o gênero
humano não escuta.

Victor Hugo

Por Michel Maffesoli

Podemos considerar, de fato, que, para além de uma simples crise sanitária, o que a covid-19 aponta é o indício de uma verdadeira crise civilizacional ou “societal”. Deslizamento que alguns, entre os quais me incluo, consideramos como sintomático do fim da modernidade e da emergência do que, provisoriamente, chamamos de pós-modernidade. Em termos muito simples, podemos ainda, efetivamente, considerar que – e por consequência disso – o racionalismo, o universalismo, tendo ambos engendrado o economicismo, isto é, a prevalência do valor-trabalho e do primado da economia; tudo isso, pois, caducou. Nesse sentido é que se pode falar de um esgotamento do ilustre materialismo, stricto sensu, ou do materialismo histórico, de tradição marxista, que fomentaram, tal como uma heterotelia, o domínio da conhecida globalização, daquilo que o meu amigo Baudrillard designava “sociedade de consumo”. Tudo coisas que estão se tornando, cada vez mais, obsoletas ou que, no mínimo, não têm mais o aspecto dominante que possuíam até então. Permita-me, a esse respeito,

lembrar que, em grego, a palavra “crise” (*krisis*) significa o julgamento feito pelo que está em via de nascer sobre o que está em via de cessar ou, de modo mais coloquial, designa a peneira através da qual rejeitamos o que deveria ser descartado e mantemos o que vale a pena conservar. Trata-se, justamente, quanto a esse tema, dessa predominância do materialismo e do economicismo que a crise sanitária mundial está pondo em xeque.

ÊTRE-ENSEMBLE?

Temos de aprender a viver juntos
como irmãos ou pereceremos juntos
como tolos.

Martin Luther King Jr.

Por Michel Maffesoli

O que me parece, realmente, paradoxal é que o confinamento, que se assemelha, com certo exagero, ao que Michel Foucault chamou de “prisão domiciliar”, tende a consolidar os laços familiares e as amizades. Para colocá-lo de uma maneira completamente anedótica, é interessante ver como se multiplicam os encontros on-line como, por exemplo, o “aperitivo Skype”, no qual bebe-se junto, bate-se papo e todas essas coisas que, ao cabo e ao fim, vão, com efeito, além do *principium individuationis*, propiciando um ideal comunitário em gestação. Também é interessante observar o desenvolvimento do teletrabalho, que não repousa, unicamente, no valor-trabalho – um tanto abstrato e puramente racionalizado –, mas onde os afetos desempenham uma espécie de contraponto. Ou seja, enquanto trabalhamos, também podemos rir juntos, contar piadas, ouvir as crianças brincarem ou gritarem, ouvir o assobio da válvula da panela de pressão e outros aspectos da existência humana que, no trabalho normal, são deixados de fora ou até mesmo fortemente combatidos.

Também podemos observar que, para além do que é dito sobre o isolamento social, isolamento esse que – não devemos esquecer – é a característica essencial da modernidade, vemos se desenvolver uma multiplicidade de manifestações em desenvolvimento que testemunham o ressurgimento desse ideal comunitário. Para nos determos em dois exemplos apenas, na Itália e na França, o que eu chamo de "simbólica das varandas". Isso nos mostra que, em certos momentos, infringindo o confinamento domiciliar, as pessoas se metem nas janelas para aplaudir os cuidadores ou aqueles que, nessa epidemia, dedicam-se nesses hospitais por eles. Da mesma forma, nessas varandas, canta-se em coros, sejam canções patrióticas ou de cultura popular, para sublinhar, assim, que o fato de *estar-junto* é uma maneira senão de triunfar sobre a morte, pelo menos de relativizá-la e de testemunhar que a vida perdura. Não posso comentar o que está acontecendo no Brasil, mas pelo que meus amigos brasileiros me dizem, essa "simbólica das varandas" tem um papel não negligenciável por lá. Esse é, exatamente, o paradoxo contemporâneo, mostrando que, enquanto o perigo existe, permanece o fato de que, para retomar uma expressão do filósofo Schopenhauer, o "querer viver", de antiga memória, manifesta-se aqui e, assim, serve de cimento para essa estrutura antropológica essencial que é "viver com".

Por Regina Herzog

Me parece que a presença física do outro tem uma materialidade que vai permitir que nos reconheçamos como presença. E hoje, quando o que é da ordem do virtual tem sido confundido como o que não é real, e não como

possibilidade de vir a ser atual, a tecnologia parece não dar consistência a esse outro. E se o outro não tem consistência, eu também não tenho.

Contudo o binômio presença/tecnologia comporta uma complexidade que não pode ser colocada em segundo plano. E isto tanto no que diz respeito ao encontro entre as pessoas quanto no atendimento que o profissional de saúde mental vem oferecendo na atualidade, dado a necessidade do distanciamento social. A este respeito me veio a lembrança um filme de 1987 chamado *Nunca te vi, sempre te amei*. É a história de uma mal-humorada escritora americana que envia uma carta a uma livraria em Londres, solicitando obras literárias raras. O livreiro responde educadamente e atende ao seu pedido. Inicia-se assim uma correspondência entre ambos durante cerca de 20 anos, passando inclusive pelo período da guerra. E, inclusive, nesta época ela envia para ele latas de comida, dado que ter acesso a isso durante a guerra não era uma coisa fácil. A relação de amizade que se estabeleceu entre os dois é extremamente comovente. Vale a pena assistir. Por que me lembrei deste filme?! Justamente porque nele, dado que se passa quando o acesso ao outro que estava distante só se dava por carta, ainda assim a presença de ambos podia ser detectada no papel da carta que cada um recebia do outro, nos livros que chegavam à América e nas latas de comida que ela mandava para o livreiro. De certa forma podemos dizer que esta presença se materializava em cada um destes objetos.

Agora, o que temos hoje... o que a tecnologia nos permite? Ela nos permite reproduzir imagens e sons do outro e o que fica de fora é o tato, o cheiro, o calor... a materialidade do contato. É quase como se eu estivesse dizendo: então antigamente era tão melhor! Maldita tecnologia! Mas não é bem isso. O que quero dizer é que a materialidade da presença deve e pode ser criada de muitas formas. No filme, eles encontraram um canal em que isto foi possível. A este respeito gostaria de transcrever uma passagem de Lacan referida à questão de como se produz a transferência que ele designa como “a

atualização da pessoa do analista” (1979 [1953-1954], p. 54); uma passagem que considero bastante oportuna para o que proponho como presença.

> Extraindo-a da minha experiência [i.e., transferência como resistência], eu lhes disse há pouco que no ponto mais sensível, parece-me, e mais significativo do fenômeno, o sujeito a sente como a brusca percepção de algo que não é tão fácil de definir, a presença. Está aí um sentimento que não temos o tempo todo. Certamente, somos influenciados por toda espécie de presenças, e o nosso mundo só tem sua consistência, sua densidade, sua estabilidade vivida, porque de certa maneira levamos em conta essas presenças, mas não as realizamos como tais. Vocês sentem que é um sentimento de que eu direi que tendemos incessantemente a apagá-lo da vida. Não seria fácil viver se, a todo instante, tivéssemos o sentimento da presença com tudo o que ela comporta de mistério. É um mistério que afastamos, e ao qual, para dizer logo tudo, nos acostumamos.[15]

Agora que estamos apartados uns dos outros, essa presença precisa ser vivida em sua ausência, tal como estávamos habituados a considerar ausência como o oposto de presença. O que estou defendendo é que existem modos da presença se presentificar, ou melhor, dessa presença ser vivida de outras maneiras.

FÉ E ESPIRITUALIDADE

E agora chegou a hora, com sua permissão,
de uma pequena bênção. Afinal, uma bençãozinha
não pode fazer mal. Aceitem-na como presente.

João XXIII em audiência com
um grupo de representantes da Rússia comunista

Por Tomáš Halík

Alguns pregadores do deus mau e vingativo sempre tentaram interpretar desastres e pandemias naturais como punição de Deus. O deus que eles inventaram era apenas uma mão estendida de sua própria raiva e vingança – para servi-los a assombrar aqueles que odiavam e punir o que condenavam. Felizmente, esse deus não existe. Encontro Deus no amor, fé e esperança daqueles que agora ajudam nos lugares mais vulneráveis, arriscando sua própria vida, saúde e força. Há algo incondicional em seu amor solidário – é para onde Deus está indo, onde Deus "acontece".

Por Táki Cordás

Acredito que as dimensões física, emocional, social e espiritual interagem. Indivíduos com valores espirituais mais elevados lidam melhor com situações de crise; são mais estoicos; podem apresentar menos risco de ansiedade, depressão e abuso de álcool e drogas. A espiritualidade nos torna mais empáticos com os outros e isso é também um fator plausível de maior proteção às doenças físicas.

Por Tomáš Halík

Os sentimentos religiosos nascem principalmente de gratidão, gratidão pela vida e por toda a criação. Quando experimentamos a fragilidade de nosso mundo e a não evidência do presente da vida, podemos sentir ainda mais profundamente nossa gratidão.

Jesus imprimiu o selo do seu rosto no véu de compaixão de Verônica. Cristo estava e está no menor, sofredor, doente, na cruz.

Os padres e pastores que estavam nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial e nas prisões da Segunda Guerra Mundial – Teilhard, Tillich, Bonhoeffer, para citar apenas alguns – trouxeram uma nova perspectiva e uma nova linguagem para a teologia. O mesmo deve acontecer após este teste global de esperança.

MESTRES

Os grandes mestres não ensinam,
e sim contagiam.
Perfeito Fortuna

Por Isabel Capeloa Gil

O professor cada vez mais é um mediador; alguém que conduz ao conhecimento e não quem o impõe. A tecnologia permite uma renovação do método socrático. Trata-se na verdade de fazer uma curadoria da informação disponível ao estudante e de o orientar na seleção, na análise e finalmente na resolução conclusiva do caso ou na compreensão do problema. Tanto para o estudante como para o professor há uma abundância de material disponível (do texto ao vídeo) que é bastante exigente, pois obriga o professor a abstrair-se da solução e a acompanhar o processo de aprendizagem com uma miríade de possibilidades à sua disposição. Devido às características próprias das plataformas, a tecnologia pode induzir o risco da simplificação. Ensinar Direito, por exemplo, obriga a estudar o enquadramento normativo, mas também a jurisprudência, e finalmente a aplicação da lei substantiva ao caso. Neste caso, a transposição para modelo remoto de um seminário de Direito Privado não se limita ao *upload* do Código ou de acórdãos dos tribunais para a plataforma. É muito mais, e muito menos, do que isso. Seleciona-se a informação que é extirpada dos textos integrais, acrescenta-se comentário,

complementa-se com pequenos vídeos, que podem incluir entrevistas com advogados, permitindo a animação do caso real. A tecnologia pode tornar a lei viva, não a simplifica, mas aquilo a que obriga é a uma alteração radical da metodologia e da preparação dos professores. E isto acontece em todas as áreas do conhecimento, da Filosofia à Microbiologia. A rapidez da mudança nos fez avançar perante o desconhecido, no escuro, como cegos a tatear o percurso.

Há uma remediação do conhecimento para se adequar ao ambiente da plataforma que só pode acontecer com um aprofundamento das possibilidades específicas do meio. Walter Benjamin, por exemplo, considerava o cinema como o meio tecnológico que melhor podia reproduzir o espírito de ruptura da modernidade devido à sua especificidade técnica, que permitia fazer explodir o cárcere da realidade com a dinamite do décimo de segundo. Podia, afinal, mostrar a fragmentação do real através da montagem, segmentar a figura humana demonstrando essa sensação de alienação e dispersão que habitava a experiência dos sujeitos do início da modernidade. *Mutatis mutandis*, a tecnologia das plataformas de ensino à distância permite um mergulho no abissal universo da informação virtual. O professor tem a função de ensinar a navegar neste mar de dados, mas para tal tem de penetrar no fluxo e adequar o remo. Há um filme americano, *Tron*, com Jeff Bridges, que conta a história de um programador que entra no universo de dados de um servidor e que tem de aprender a navegar nesse universo para regressar à realidade. Neste momento estamos todos dentro do servidor e temos de aprender as suas regras para encontrarmos o caminho. Mas o fantástico é que o estamos a fazer em cocriação com os nossos estudantes, e podemos, com eles, usar o que descobrimos para redesenhar o mundo.

FUTUROLOGIA

O profeta é aquele que se recorda do futuro.
Léon Bloy

Por Michel Maffesoli

É sempre difícil determinar com precisão o que será o futuro. Mas podemos dizer que, depois da covid-19, certamente haverá o retorno dos valores tradicionais que haviam estruturado a *pré*-modernidade. Em suma, me refiro às noções de partilha e troca que, sob suas diversas nuances e com a ajuda da Internet, tornam-se primordiais. Na verdade, creio que, do meu ponto de vista, o retorno da tradição é que será o principal elemento da cultura "social" em gestação. Léon Bloy dizia, de modo premonitório, que "o profeta é aquele que se recorda do futuro". E vemos, de várias maneiras, que o que importa é o presente, enraizado no passado e que prefigura o futuro. Ao contrário dos "arautos" do catastrofismo ou do que é comumente chamado de "colapsólogos", considerando que o que se desenha é o fim de todas as coisas, eu repito, sem me cansar, que o fim de um mundo não é o fim *do* mundo.

Por Tomáš Halík

As consequências sociais transformarão o cenário político internacional, as relações entre estados e as elites de poder das sociedades individuais: algumas serão varridas, outras serão levadas ao poder. A humanidade será mais pobre em escala global, com muitos países e muitos grupos sociais passando da prosperidade para a pobreza e da pobreza para a miséria.

Estou escrevendo estas linhas em um momento em que a epidemia global provavelmente culminará, mas ninguém sabe ao certo qual será seu desenvolvimento futuro. Depende muito da resposta moral à continuação desta crise, de quanto sustenta manifestações de solidariedade e compromisso heroico, e de quanto tempo o estresse e o medo provocarão inquietação psicológica e social, agressão e violência. A vida espiritual da sociedade não é somente uma "superestrutura" da economia, como alegavam os marxistas; é também um contexto importante, "biosfera" de mudança, e precisa ser tratado.

Mas tudo ainda está aberto no momento e nada é certo. Por favor, me dê um tempo para observar, estudar, contemplar, pensar e rezar.

Por Isabel Capeloa Gil

Mais do que nunca navegamos sem ter mapa, como dizia a poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner ("Navegavam sem o mapa que faziam/ (...) Os homens sábios tinham concluído/Que só podia haver o já sabido:/Para a frente era só o inavegável/Sob o clamor de um sol inabitável"). Estamos justamente a tentar encontrar soluções técnicas com o "já sabido" e a testar o impensável ou inabitável. Estamos dispostos a deixar morrer para atingir a imunidade de grupo? Hoje questiona-se a possibilidade de uma vacina sequer

ser possível porque pode provocar uma reação catastrófica do sistema imunológico que leva à morte do doente. Ou seja, estamos trabalhando com pressupostos científicos colocando a discussão num patamar material, quando a decisão é ética e política. Não temos mapa para onde nos dirigimos. A opção sueca, que assenta na noção eugênica de que alguns (muitos) morrerão para que os mais aptos sobrevivam, é ética e politicamente inaceitável em muitas sociedades como Portugal, Espanha e Itália. Os governos trabalham para proteger a vida dos "menos aptos". E quem são estes? São os fisiologicamente mais frágeis, mas também aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade econômica. O vírus não escolhe classe, mas é mais mortífero em espaços onde a higiene não existe, onde os indivíduos não podem materialmente se proteger, em grupos sociais debilitados. As políticas sociais em situação de pandemia tentam ser vacinas, mas são apenas remédios em teste. Todavia, estruturam-se sobre princípios e valores sociais e morais concretos. Decidir que a proteção ao idoso não pode ser relaxada porque é necessário proteger as crianças revela uma sociedade que respeita a idade como um valor inquestionável, que assume o respeito intergeracional como não negociável. Neste modelo, demonstra-se que é inaceitável a escolha de Auschwitz. O que se aprendeu? Que nenhum ser humano é dispensável e que cada óbito é uma fatalidade. Este é o modelo que – claramente com dificuldade – a União Europeia está a defender com as suas políticas de reativação social. Trata-se igualmente de combater a lógica malthusiana, de que a sociedade não pode pagar um sistema de saúde que proteja todos por igual. Na Europa, a grande questão tem sido apoiar e reforçar os sistemas nacionais de saúde. E não é apenas uma questão técnico-econômica. Trata-se, na verdade, de proteger a sociedade que queremos continuar a ser pós-covid. Em Portugal, o sistema resistiu. E há um absoluto consenso nacional relativamente à canalização de fundos para o reforço do sistema nacional de saúde. Apesar de perspectivas diferentes se digladiarem,

é consensual que não se põe preço à vida. A vida de um doente, jovem ou idoso, não é negociável.

Preocupa-me a desconexão americana entre as políticas dos Estados, que tentam defender o modelo de que nenhuma vida é dispensável, e a lógica federal da abertura total da economia. Se é certo que as pessoas, para terem uma vida boa, devem pugnar por uma economia forte, também é certo que uma economia sem pessoas ou direcionada apenas para o bem-estar de alguns e a submissão de muitos não é aceitável.

Vivemos um momento de crise de confiança nas instituições, na ciência e na economia, entre pessoas. E a opção relativamente ao mundo pós-covid será certamente resultado, em parte, das soluções políticas que se adotarem, mas sobretudo dependerá de cada um de nós. O confinamento resultou de uma determinação das autoridades, mas o retomar da vida dependerá da nossa capacidade de suplantar o medo. De não olharmos para o outro como potencial ameaça à minha sobrevivência, mas como alguém que está comigo a recomeçar. A opção será entre administrar o medo ou viver em liberdade.

Por Táki Cordás

Não acredito em grandes mudanças humanas generalizada; não há portas escancaradas; talvez algumas frestas. Quando perguntaram, na década de 1970, a Mao Tsé-Tung o que ele achava que a Revolução Francesa (1789) tinha mudado no mundo, ele respondeu que era cedo para dizer. Se seremos mais empáticos, o que todo mundo gostaria de ouvir, ou se seremos mais hobbesianos, ou seja, o homem continuará sendo o lobo do homem, é uma pergunta irrespondível. Acredito que devemos voltar a pensar quando será o fim da pandemia; o tempo de duração será fundamental.

Por Ladislau Dowbor

O Brasil está sendo impactado de maneira particularmente forte pela pandemia, em função da desestruturação das políticas sociais que já estava em curso. Em 2019, os recursos do SUS, de longe a principal força de combate ao vírus, foram reduzidos em 20 bilhões. A oligarquia – esta ‘Elite do Atraso’ como a chama Jessé Souza – tem planos de saúde, e não via necessidade em haver um sistema público e universal de acesso. Isso fragilizou a capacidade de enfrentamento da pandemia. É impressionante um ex-ministro da economia, que ainda havia pouco combatia o sistema público, aparecer com a sua equipe ministerial com coletes do SUS.

Os banqueiros que apoiaram o “teto de gastos” e, portanto, a redução dos investimentos públicos em políticas sociais, não pensaram em algum “teto de juros”, mantiveram um dreno de entre 300 e 400 bilhões ao ano, dos nossos impostos, em nome do serviço da dívida pública. Isso é mais de 10 vezes o *Bolsa Família*, que representa um custo de 30 bilhões de reais ao ano, ajudando 50 milhões de pessoas. Os 206 bilionários do Brasil, segundo a *Revista Forbes* (2020), aumentaram as suas fortunas em 23% entre 2018 e 2019. São 230 bilhões de reais, 8 vezes o *Bolsa Família*, para um grupo que cabe numa sala de cinema, e que, essencialmente, vive de aplicações financeiras.[16]

O que funciona, e para o que temos de almejar na medida em que conseguirmos ultrapassar a presente crise, é uma sociedade economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente sustentável. Este é o tripé fundamental de objetivos a serem alcançados. Por sua vez, a reorganização do processo decisório necessário para atingir os objetivos precisa ultrapassar

a dicotomia ideológica sobre se o Estado ou a empresa privada são mais eficientes, e entender que as empresas que produzem automóveis ou sapatos podem perfeitamente ser privadas e se regerem por mecanismos de mercado, mas que saúde, educação, segurança e outras políticas sociais, quando privatizadas, se transformam em indústria da doença, indústria do diploma ou até em milícias e “arregos”.

Em outros termos, o tripé de objetivos precisa se apoiar no novo equilíbrio entre interesses privados, atividades públicas e controle da sociedade civil organizada, ou seja, também um tripé: Estado, empresas e OSCs.[17] Todo o poder ao Estado ou todo o poder às corporações mostraram os seus limites. Somos sociedades demasiado complexas e diversificadas para responder a uma grande simplificação ideológica. O que funciona é uma sociedade mista, mas com o objetivo convergente geral do equilíbrio econômico, social e ambiental.

Por Regina Herzog

Só uma palavra me ocorre para falar das transformações que se pode esperar da sociedade pós-pandemia: imprevisível. As certezas desmanteladas, provocadas pelo rompimento de um mundo aparentemente estruturado, promove a necessidade imperiosa não só de uma revisão do que tínhamos como dado, até porque o dado nem era assim tão certo, mas de algo mais. Vou exemplificar esta ideia de um dado incerto. Tomemos a ideia de corpo que ressaltamos ter sido impactado por esta catástrofe, de um corpo que está em frangalhos. Um corpo fragmentado. E quando falo de corpo, cabe lembrar, estou falando de finitude. No ensaio de 1914 denominado *Sobre o narcisismo*: *uma introdução*,[18] Freud aborda pela primeira vez de forma

explícita a questão do nascimento do Eu, deixando claro que se trata de uma construção e destacando a necessidade de "uma nova ação psíquica". Sua argumentação nos dá indícios de que esta "nova ação", que envolve a unificação do corpo disperso do autoerotismo, é desencadeada pela alteridade. Com efeito, é o outro, representado pelas figuras parentais que, através do investimento libidinal no corpo da criança viabiliza a construção do Eu. O que é importante nesta descrição, conforme sublinha Lacan (1949),[19] é que o Eu advindo do estádio do espelho é, antes de tudo, uma ficção, permanecendo então eternamente em discordância com a realidade. Ou seja, a imagem do corpo unificado não passa de uma miragem.

O fato de o corpo não ser integral e irremediavelmente unificado não é necessariamente fonte de sofrimento psíquico. Todos nós, somos, o tempo todo, acossados pela fragmentação. Quando predomina o registro da parcialidade pulsional que virá a ser investido pelo outro, isto não quer dizer, necessariamente (embora em muitos casos seja disso que se trata) que o eu se encontra despedaçado. Neste registro, fragmentado não é sinônimo de despedaçado. Não se trata de juntar pedaços e com isso fortalecer o narcisismo.

O que chama nossa atenção é a importância que a ideia de fragmentação pode ter nas configurações subjetivas. É preciso insistir: não se trata simplesmente de ligar fragmentos, juntar pedaços para formar uma totalidade, uma unidade. Mais apropriado pensar que este eu total é uma ilusão; ousaria dizer que este 'eu' é sempre fragmentário e sendo fragmentário nunca pode formar uma continuidade, a não ser ilusória. Fragmentos se encontram, ao acaso e de modo descontínuo. Poder reconhecer isso e operar neste registro é o do que se trata hoje.

Na psicanálise, vamos encontrar na obra de Sándor Ferenczi uma fonte que pode nos dar subsídios para pensar a questão da fragmentação. Este autor conhecido como o psicanalista dos casos difíceis trabalhou a questão da

clivagem, da autotomia, da introjeção e da incorporação, entre outros conceitos que podem ser de grande utilidade neste estudo sobre a fragmentação. Já na filosofia podemos contar com a contribuição de Walter Benjamin, que vai falar com muita propriedade dos restos, que não são parte de um todo, mas fragmentos. Fica aqui a indicação. Encontrar modos de se reconhecer como tal e criar modos de caminhar vivenciando cada passo é uma alternativa que permite agregar à palavra 'imprevisível' um outro termo: esperança. Não sabemos para onde ou quando... trata-se de uma outra temporalidade... a de um presente que se desdobra na imprevisível esperança. Todos juntos e misturados.

PARADOXOS

Não é verdade que, quando se
diz tudo sobre os principais temas
da vida humana, as coisas mais
importantes continuam por dizer?

Zygmunt Bauman

Por Tomáš Halík

Como o cérebro do cachorro é incapaz de entender as tarefas matemáticas, o cérebro humano é incapaz de entender o significado do mal e do sofrimento. A fé não nos dá respostas para todas as nossas perguntas, mas nos ensina a viver com os mistérios e paradoxos da vida.

Por Ladislau Dowbor

Apresentar a salvação das pessoas ou da economia como alternativas é uma idiotice, mas que se enraíza pelos interesses que sustentam diferentes narrativas. A visão de se priorizar a economia reflete o interesse de elites que podem se isolar e passar a trabalhar em casa, mas que querem que os trabalhadores continuem a render, o comércio a vender e os lucros a se

equilibrar. E também se espalha porque o grosso da população trabalhadora, seja pela forma como ganham a vida ou pelas condições de transporte e habitação, não tem como se isolar. A situação dos Estados Unidos, que priorizaram a economia e minimizaram a pandemia, e se tornaram o maior centro mundial de contaminação e de mortes, é neste sentido instrutiva. Com o alastramento do vírus, tiveram que tomar medidas de isolamento muito mais tarde, com impacto econômico muito maior. Acumulam o sofrimento das contaminações e a recessão econômica.

A China tomou medidas imediatas no epicentro da epidemia, com isolamento generalizado, o que paralisou a economia, mas permitiu conter a disseminação e voltar a uma gradual reabertura muito mais rapidamente e com custos econômicos muito menores. A estratégia evidente é concentrar o máximo de esforços de imediato no combate ao vírus, enquanto ainda está em poucos focos, para depois pensar na economia. A demagogia política, quando não as tentativas de aproveitar com oportunismo político ou financeiro da pandemia, é vergonhosa.

Por Táki Cordás

Claro que estamos fazendo um recorte de classe média e classe alta. Para usar um oximoro, estamos falando de uma imensa minoria da sociedade brasileira. Mesmo assim, nem todos os indivíduos que estão assim enquadrados valorizam a introspecção e o pensamento filosófico.

Sabemos que os cinco homens mais ricos do Brasil têm riqueza equivalente à metade da população mais pobre do país. Isso me lembra Mario de Andrade dizendo que os ricos do Brasil são tão pobres que só têm dinheiro. Mas tenho visto mais gente repensando sua vida; entrando em

discussões sobre filosofia e discutindo mais as questões sociais do nosso país. Não acredito, aliás, como os gregos não acreditavam, em mudanças internas sem buscar colaborar com a felicidade dos outros e da *pólis*, sua cidade, seu país. Qualquer mudança que busque unicamente a sua felicidade e de seu círculo íntimo não é uma mudança real, não é uma mudança humanista. Brevemente creio que qualquer mudança neste período passa pela percepção da nossa finitude, da possibilidade da morte e de que a nossa morte pessoal virá, agora ou depois. Que a morte não é apenas uma falta de educação do outro ou uma inconveniência social que me obriga a mudar os planos do meu dia. Que somos frágeis e que dessa fragilidade devemos tirar a nossa força, a nossa revolução interna, a revolução da empatia, do olhar para o outro com mais respeito. Isso pode se dar de várias formas: no apoio às questões sociais; numa vida menos capitalista; numa maior participação política; no ingresso em atividades filantrópicas. Vamos ver se isso ocorre.

UNIVERSITAS

(...) uma comunidade de mestres
e discípulos irmanados na busca da verdade.

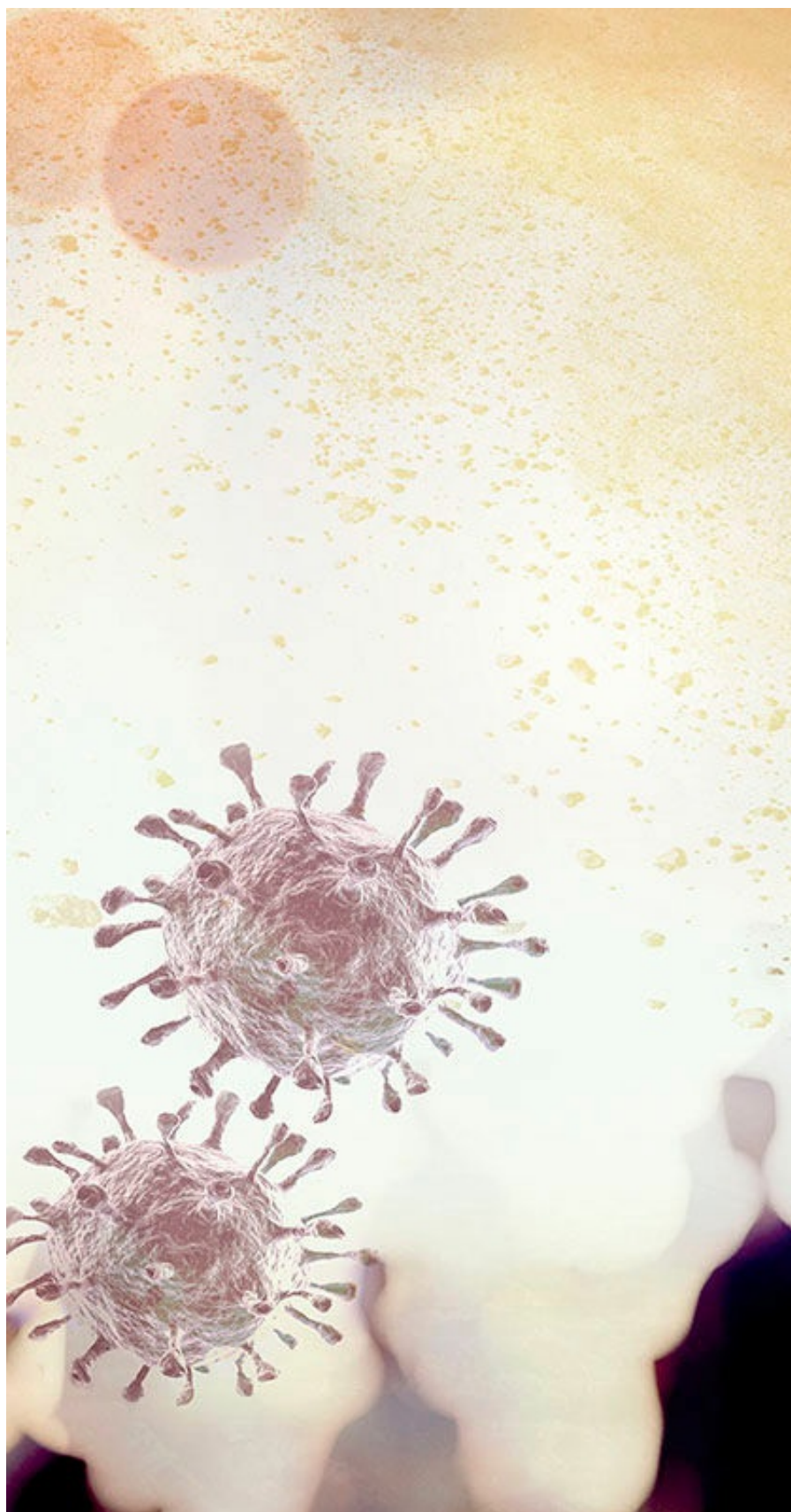
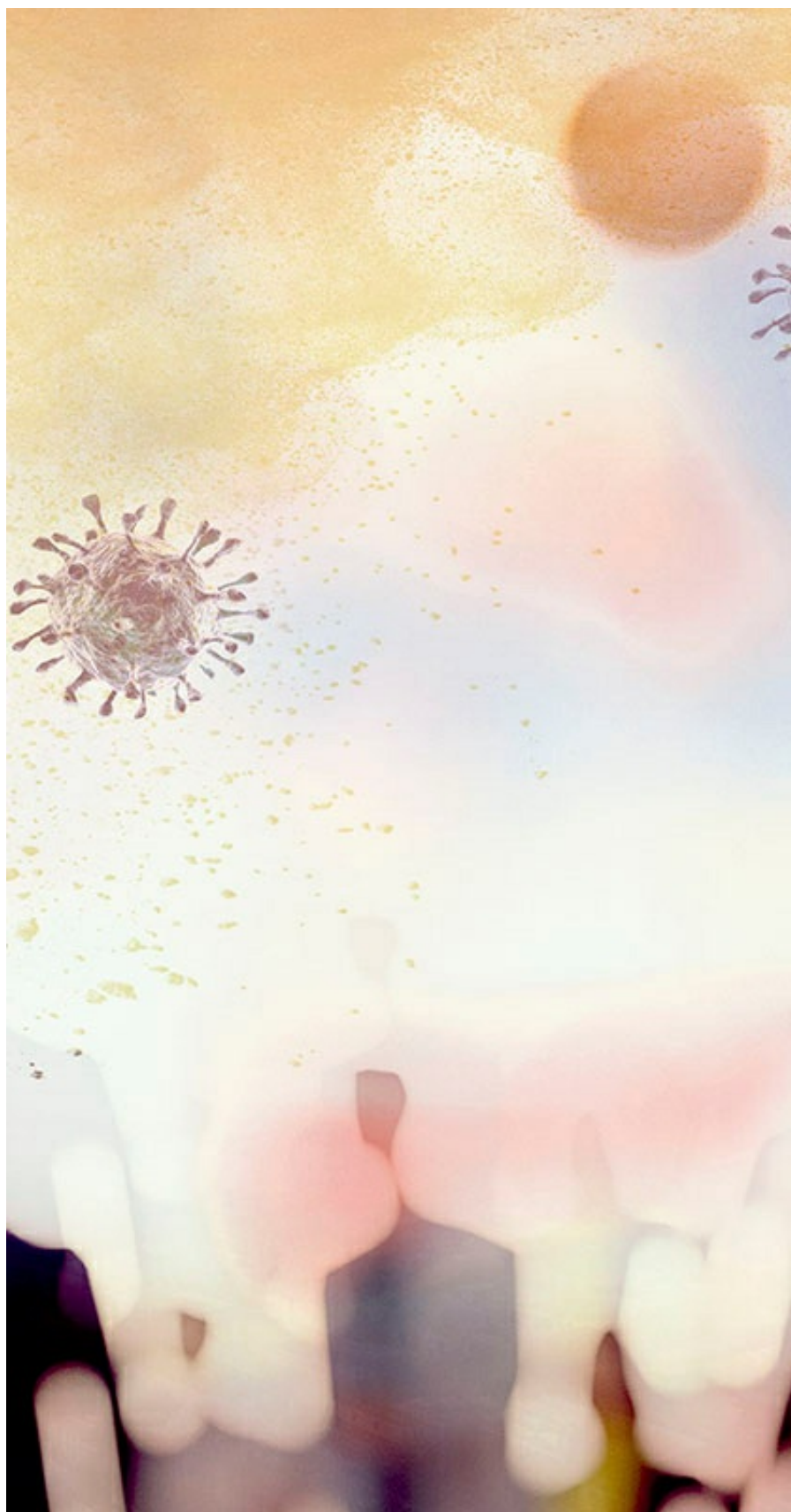
Bula papal de autorização da Universidade de Paris, em 1255

Por Isabel Capeloa Gil

A universidade já mudou e terá de utilizar o conhecimento adquirido com a exceção que vivemos. Neste âmbito, temos de olhar para a pandemia como uma oportunidade, mais do que como calamidade. Creio que há mudanças estruturantes que vieram para ficar com a adaptação das plataformas tecnológicas: a primeira é a flexibilização da infraestrutura; a segunda, a ideia da universidade como instituição de aprendizagem permanente e em pleno ao longo da vida; finalmente, a adoção de um modelo de funcionamento tecnoglobal e a universidade como ponto de rede técnico-científica e sociocultural. Não se trata de transformar a universidade numa plataforma tecnológica, mas tornar evidente a necessidade de repensar a verdadeira infraestrutura da universidade. A base material para o cumprimento da missão são menos edifícios do que cabos e sistemas de rede; menos mesas do que computadores. A universidade não é da nuvem, mas está inquestionavelmente na nuvem. Não quer isto dizer que não vamos mais olhar o campus como conjunto de edifícios. Um famoso professor americano, Robert Maynard Hutchins, chegou a dizer que universidade era o conjunto de

edifícios onde professores ensinavam e alunos aprendiam. Estamos a afastar-nos progressivamente desta – ainda que sarcástica – imagem do edificado e da projeção do poder da instituição através do número de edifícios que agrega. Portanto, é certo que a experiência do campus não vai desaparecer, porque a universidade tem uma componente de sociabilidade e de crescimento pessoal que ultrapassa em muito quer a aprendizagem quer a formação profissional. A universidade indutora de cidadania, de cultura e sociabilidade é também uma organizadora de afetos que não cabe no quadrado do ecrã.

Na sua dimensão originária, a universidade assenta no intercâmbio e na partilha entre um mestre e um estudante. Este é o fundamento do método socrático, que se foi coletivizando e adaptando ao alargamento do acesso à educação superior. O que se tem vindo a alterar progressivamente desde o início da modernidade é o entendimento da figura do mestre. De um movimento de centralização do processo educativo na figura de autoridade do mestre, materializada na famosa fórmula *magister dixit*, temos vindo a colocar o estudante no centro da aprendizagem e simultaneamente a perceber que este é um processo de 360º. A tecnologia e o acesso extraordinário à informação, inabarcável pelo cérebro humano e que está à distância de um click, legitimam a consciência do não saber – que só pode resultar da aprendizagem – como essencial à evolução do conhecimento. O mestre já não é tanto aquele que tudo sabe, mas quem sensibiliza para o quanto não sabemos. A douta ignorância de Nicolau de Cusa estrutura o seminário invertido (*flipped classroom*) que as plataformas tecnológicas possibilitam. Talvez seja controverso dizê-lo, mas na base da ideia da aprendizagem ao longo da vida (*lifelong-learning*) está a consciência de que aprender é caminhar para a progressiva consciência da ignorância própria. Quanto mais investigamos e aprendemos, mais consciência temos do muito mais que desconhecemos. Este impulso para o aperfeiçoamento constante está na base

da gestão das carreiras nas organizações. É o movimento de *upskilling* que informa o desenvolvimento pessoal. Mas não devemos esquecer que as tecnologias estão a tornar muitas funções obsoletas. As novas funcionalidades da robótica põem em causa funções antes desempenhadas por seres humanos. É agora necessário fazer o *reskilling* em massa desses indivíduos e a universidade tem uma função fundamental a cumprir na reconversão profissional no setor do conhecimento. Finalmente, a universidade transformou-se definitivamente numa organização tecnoglobal que funciona em modo colaborativo, como ponto de rede numa organização global do conhecimento por onde circulam estudantes e professores. O sentido nacional da universidade pode ter regressado com a pandemia e com o medo instalado face à mobilidade global, mas o fluxo veio para ficar. Não mais ficaremos acantonados às nossas aldeias gaulesas muradas como Astérix e Obélix. No próximo futuro encontra-se a universidade tecnoglobal que é por vocação aberta, acomodando comunidades de grande diversidade (cultural, étnica, de gênero, religião ou política), e também projetando-se além dos limites das fronteiras e da nação por via de plataformas digitais e produzindo ciência em formato crescentemente aberto.

[01] Como constata Michel Maffesoli, um dos entrevistados e que o leitor encontrará nessa obra.

[02] Conferir entrevista da ONU Brasil no link: https://nacoesunidas.org/concentracao-global-de-co2-bate-recorde-mesmo-durante-crise-da-covid-19/ e pesquisa realizada pela Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA), no link https://research.noaa.gov/article/ArtMID/587/ArticleID/2636/Rise-of-carbon-dioxide-unabated.

[03] Conferir os ODS no link: https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/.

[04] BUTLER, J. Vida precaria: el poder del duelo y la violencia. Buenos Aires: Paidos, 2006.

[05] Disponível em: https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-fcd274e920ca.

[06] Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf.

[07] Organização Mundial da Saúde.

[08] Disponível em: http://dowbor.org/2018/08/curso-pedagogia-da-economia-com-ladislau-dowbor-instituto-paulo-freire-2018-15-aulas.html/.

[09] Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

[10] FREUD, S. (1933). *¿Por qué la guerra?* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. (Obras completas, v. XXII).

[11] FREUD, S. (1921). *Psicología de las masas y análisis del yo*. (Obras completas, v. XVIII). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976, p. 124.

[12] FREUD, S. (1930). *El malestar en la cultura*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. (Obras completas, v. XXI).

[13] Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

[14] Veja detalhes em: http://dowbor.org/2019/12/videoconferencia-com-premio-nobel-joseph-stiglitz-12-12-2019-14h-puc-sp.html/.

[15] LACAN, J. (1953-1954). *Livro 1* – Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

[16] Mais informações em: http://dowbor.org/2020/02/18676.html/.

[17] Organizações da Sociedade Civil.

[18] FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo*: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).

[19] LACAN, J. (1949). *Le stade du mirroir comme formateur de la fonction du Je in Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

Scarlett Marton
A MORTE COMO
INSTANTE DE VIDA
PUCPRESS

A morte como instante de vida

Marton, Scarlett Zerbetto

9788554945398

40 [illegible]

Compre agora e leia

Em tempos em que transformamos a morte num tabu — "melhor não falar dela, porque pode atrair!" — este ensaio, perspicaz e provocador, da pensadora Scarlett Marton, nos recorda que este acontecimento não é um mero detalhe de nossa existência. Trata-se da maior e mais definitiva ruptura. Para alguns o fim; para outros uma passagem; para outros, ainda, uma chance de recomeçar. Assunto comum às religiões, a morte não é um tema menos importante para a Filosofia, para a Literatura, para a Psicanálise, para a História, para as Ciências Naturais. Ao lado da pergunta pela origem, ela se apresenta como o mais profundo mistério

humano. E frente a isso que se mostra, pelo menos por enquanto, como nosso destino irremediável, talvez tenha chegado o momento de retornarmos à sabedoria do antigos Gregos, que com seu exercício da melete thanatou tornavam a morte algo familiar. Depois disso então, poderemos, como Sêneca em sua carta 12, afirmar que uma vida inteira deve caber num dia: "No momento de dormir, digamos com alegria e com o semblante risonho: eu vivi".

Um encontro entre
Marcelo Gleiser e Gianfranco Ravasi
À ESCUTA DO INFINITO
ESTAMOS MAIS PERTO DE DEUS?
PUCPRESS

À escuta do infinito

Gleiser, Marcelo

9788554945060

64 [illegible]

Compre agora e leia

(...) As pessoas têm uma visão muito distorcida da ciência, da religião e da relação entre ambas. Elas imediatamente colocam ciência e fé como antípodas em confronto constante. Minha visão é um pouco mais histórico cultural. Vejo a ciência como uma manifestação do esforço humano em se engajar com o mistério da existência. E a religião é, também, uma manifestação do esforço humano em se engajar com o mistério da existência. De certa forma, tanto uma quanto outra vêm da mesma fonte. Recusar-se a conversar é recusar-se a olhar para um lado da nossa vida, da existência humana, que faz parte de quem nós

somos. É uma conversa perfeitamente natural. Marcelo Gleiser Dossiê Átrio dos Gentios

Michel Maffesoli
PACTOS EMOCIONAIS
REFLEXÕES EM TORNO DA MORAL,
DA ÉTICA E DA DEONTOLOGIA
PUCPRESS

Pactos emocionais

Maffesoli, Michel

9788554945374

53 [illegible]

Compre agora e leia

Em 2017, Michel Maffesoli foi um dos convidados do Instituto Ciência e Fé da PUCPR para o projeto Ciclo de Conferências, que teve como tema Uma ética para os novos tempos. Pouco mais de um ano depois, oferecemos a vocês este texto — seguido de entrevista —, que contém as características mais próprias desse que pode ser considerado um dos mais importantes pensadores da atualidade: perspicaz, crítico e penetrante. Combinando erudição, leveza e uma sutil dose de bom humor, Maffesoli nos provoca a refletir sobre três dos principais conceitos-chaves da Filosofia: a Moral, a Ética e a Deontologia e, a partir deles, nos

convida pensar novas maneiras de vivermos juntos.

FOMES
CONTEMPORÂNEAS
ORGANIZAÇÃO
Caroline Filla Rosaneli
PUCPRESS

que se seguirá. O significado forte de fome como carência de alimentos que mata, que compromete o direito elementar à vida, se vê afirmado e ao mesmo tempo ampliado ou redirecionado para outras carências e direitos que, por sua vez, podem ser promotoras de "outras mortes", como nos lembra a organizadora desta coletânea no primeiro capítulo. Renato Sérgio Jamil Maluf Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Maria Cecília B. Amorim Pilla
Rudolf von Sinner
(Orgs.)

O **SER HUMANO** EM TEMPOS DE **COVID-19**

PUCPRESS

O ser humano em tempos de covid-19

Pilla, Maria Cecília B. Amorim

9786587802169

130 [illegible]

Compre agora e leia

A segunda década do século XXI terminou com uma notícia que de início pareceu menor do que se transformou meses depois. Quem poderia imaginar que aquelas primeiras notícias vindas de um hospital de uma cidade do interior da China, na virada do ano 2019 para 2020, poderiam impactar de tal forma as vidas do planeta? Tudo começou com sete pacientes internados com pneumonia em dezembro de 2019 em Wuhan, e ao longo dos meses que se seguiram os números de infectados no mundo chegam à casa de milhões, dentre eles centenas de mortos. Esse é um cenário assustador para um mundo em que a crença cega em avanços da

tecnologia pode nos salvar de tudo. E de repente tudo o que parecia certo se transformou em dúvidas, em perdas, de trabalho, de renda, de familiares, amigos, o mero ato do encontro entre as pessoas tornou-se uma ameaça. Diante de todo esse quadro que nos colocou como protagonistas e coadjuvantes de um episódio de uma série distópica, um grupo de pesquisadores, filósofos, historiadores, teólogos, pedagogos, construiu reflexões a respeito da efemeridade da existência humana, ao mesmo tempo em que propõe argumentos a favor de uma vida mais digna, da singeleza das relações entre os seres, e da importância da dignidade e do amor.